

# REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XVI

ABRIL - JUNHO DE 1954

N.º 2

## ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA ZONA CACAUEIRA DA BAHIA\*

CARLOS DE CASTRO BOTELHO  
Geógrafo da divisão de Geografia do C.N.C.

### CAPÍTULO I

#### O MEIO FÍSICO E A ECONOMIA REGIONAL

Sob o título acima restringiremos o assunto ao estudo das correlações existentes entre os fatores físicos e a economia regional. Não nos interessam, no presente capítulo, as descrições e interpretações de cunho puramente geológico, geomorfológico ou climatológico da região. O objetivo é mostrar somente a dependência que se verifica entre a cultura cacaueteira e o ambiente sob o qual se estabeleceu. Ao apontarmos as suas relações estarão evidenciados o porque dos limites atingidos e o aparecimento de outras atividades econômicas, presentes na zona cacaueteira.

O cacaueteiro, em estado nativo, cresce em regiões de clima quente e úmido e faz parte do sub-bosque da floresta. Neste ambiente êle está ao abrigo da incidência solar direta e conta, para o seu sustento, com a camada humosa permeável que se forma às expensas do próprio revestimento. Tôdas essas necessidades naturais que o cacaueteiro exige, êle as encontrou na região oficialmente conhecida como Zona Cacaueteira, e, particularmente, na faixa cacaueteira, assim por nós denominada (vide Mapa de Uso da Terra). E' aí, que as feições morfológicas, pedológicas, climáticas e florísticas mais se combinam para resultar num ambiente propício para o desenvolvimento da cultura cacaueteira. Do ponto de vista climatológico ela se caracteriza por estar sujeita a um clima quente e úmido, com chuvas distribuídas por todos os meses. Não se verifica, a rigor, uma estação sêca bem definida. Os postos pluviométricos existentes acusam precipitações anuais que variam de cêrca de 1 300 mm a 2 000 mm. O maior volume das chuvas ocorre a partir de junho e em abril a altura da chuva atinge o seu máximo. O período de menor precipitação coincide com a disposição quase paralela que se dá entre a massa polar, que se subordina à direção do litoral, e os ventos aliseos de SE. Nesta época do ano (inverno) as chuvas resultam, por conseguinte, do esfriamento dos aliseos ao se misturarem com os ventos

\* Êste trabalho resulta de uma excursão à "Zona Cacaueteira" da Bahia realizada nos meses de janeiro e fevereiro do ano de 1953.

frios provenientes do sul. No verão, o regime dos ventos sofre alteração. A massa polar progredindo para o norte, encontra-se com os alíseos de retôrno (do quadrante norte), e mesmo com os próprios alíseos (E), produzindo chuvas de frente. O mecanismo descrito<sup>1</sup> coloca em destaque o papel que a massa polar desempenha no regime pluviométrico da região. A importância da massa polar evidencia-se mais quando se compara a pluviosidade das faixas cacauceiras e de transição (no sentido econômico). Nesta última faixa a precipitação é bem menor e já se denota a passagem para um tipo de clima com estações bem marcadas. No sentido climatológico à faixa de transição (econômica) corresponde, a *grosso modo*, uma região sujeita a um clima de tipo intermediário<sup>2</sup> entre o do litoral e o do interior, êste com estação sêca pronunciada.

Sem lançarmos mão de outros argumentos, além do climatológico, fica quase fundamentada a existência da criação bovina na faixa de transição. O relêvo, o solo e a vegetação explicarão o resto.



Fig. 1 — Solo pedregoso, apresentando blocos esfoliados, muito comum na zona cacauceira. Nos solos "empedrados" o teor de umidade é maior, o que é de grande importância para o cacauceiro.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

As faixas cacauceira e de transição caracterizam-se por feições morfológicas próprias. Na primeira o relêvo apresenta-se bastante movimentado. Os outeiros, de altitude moderada, porém de vertentes com fortes declives, ora se apresentam com base mais arredondada, ora mais alongada. Raramente os outeiros

<sup>1</sup> BARROS, Linton Ferreira — "Contribuição ao Estudo das Massas de Ar da Bacia do São Francisco", anexo ao "Relatório sobre o Vale do São Francisco — Contribuição a sua Geomorfologia". ALFREDO JOSÉ PÔRTO DOMINGUES. Inédito. Divisão de Geografia. C.N.G. — 1953.

<sup>2</sup> BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti — "Clima do Estado da Bahia", in *Boletim Geográfico*, n.º 110, p. 593.

estão separados por aluvionamentos recentes. A superfície que os corta, inclinada para o mar (cêrca de 70 metros em Itabuna, 40 metros em Ilhéus) constitui um patamar, de fraca altitude, do planalto brasileiro. Os declives fortes das vertentes, onde estão as roças de cacau, como se poderia pensar — pois, neses caso, o escoamento mais enérgico das águas acarretaria a retirada do solo agrícola, e conseqüentemente maior solubilização dos compostos químicos, e também mais rápido dessecação dos horizontes superficiais — não são um fator negativo para a cultura cacaueira. A mata atlântica e a textura do solo compensam a feição morfológica. A mata, além de dificultar a retirada do solo em terreno inclinado, retém durante mais tempo, a água no seu interior. Sob o manto florestal, o solo vegetal permeável, característica necessária para o cacaueiro<sup>3</sup>, está em mistura com blocos de rochas cristalinas que, além de ceder compostos minerais, funcionam como retentores da umidade (fig. 1). A inclinação forte das vertentes, por outro lado, compensa a pequena espessura dos solos cacaueiros dessas faixas. Neste particular, os autores de “Solos Típicos da Bacia do Rio Doce” resumem a influência da topografia em relação à raiz mestra do cacaueiro, no seguinte trecho: “Fisicamente o cacau, tendo uma raiz mestra comprida, exige em terreno plano um solo mais ou menos frouxo de 1 a 1,5 metro de profundidade. Em encostas a camada frouxa não precisa ter mais que 50 centímetros, crescendo a raiz paralelamente à inclinação do terreno”.<sup>4</sup>

Na faixa de transição, no que diz respeito ao relêvo, as feições são outras (fig. 2). Aí, principalmente nos trechos correspondentes às rêdes hidrográficas dos rios de Contas, Almada e formadores do rio Cachoeira as serras de orien-



Fig. 2 — Ipiaú. Paisagem característica da faixa de transição. Nas elevações predominam os cacauais e na baixada o gado. Ipiaú é um dos principais centros da chamada “zona mista”.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

<sup>3</sup> VAGELER, Paulo, RATH, A. e GEVE, Alfredo Ernesto — “Solos Típicos da Bacia do Rio Doce”, in “Reconhecimento Geográfico da Bacia do Rio Doce”. Relatório Inédito da Seção Regional Leste. C.N.G. — 1953. P. 74.

<sup>4</sup> VAGELER, Paulo e outros. Obra citada. P. 73.

tação NE-SW separam terrenos baixos e planos. Nas encostas das serras, onde as condições mesológicas são idênticas às descritas para a faixa precedente, estão disseminados os cacauais. Nos terrenos baixos é muito comum aflorarem os lajedos de rochas cristalinas (granitos, gnaisses e munzonitos). Quando não afloram, cobre-os uma fina camada de aluvião. Assim a falta de um solo de espessura nem sempre suficiente impede que aí o lavrador faça a cultura do cacau. Por causa dessa condição é que existe ao lado dos cacauais, a prática extensiva da pecuária.

Os fatores que condicionam a cultura cacaueira desaparecem quando se afasta da faixa de transição, em direção ao oeste. As condições climáticas são o obstáculo principal ao avanço dos cacauais mais para oeste. A leste o seu limite é impôsto pelas camadas sedimentares terciárias e cretáceas.

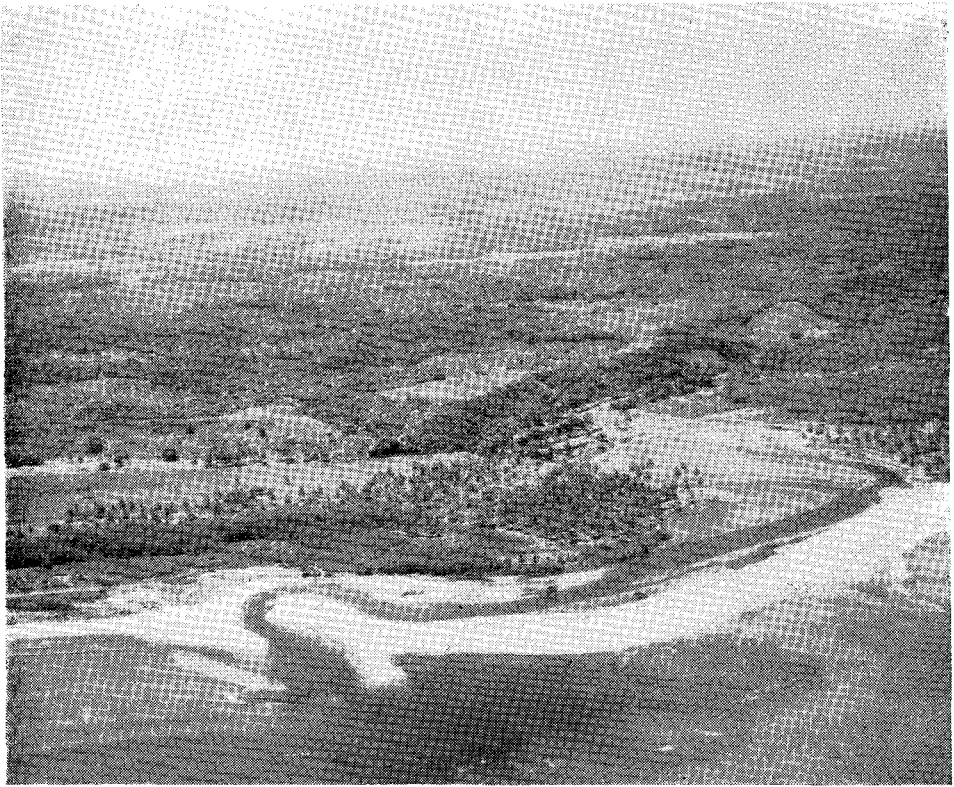


Fig. 3 — Mojiçucaba. Vista aérea de um trecho do litoral ao sul da cidade de Belmonte. A superfície dos tabuleiros termina subitamente por uma falésia fôssil. A sucessão de cordões litorâneos obriga o rio, antes de desembocar, a seguir paralelamente à costa. A mata é derrubada para o plantio da mandioca. Quando a roça é abandonada a piaçaveira cresce espontâneamente.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Na região dos tabuleiros do litoral, que coincide, mais ou menos, com a faixa do extrativismo vegetal, a mata domina em quase tôda a sua extensão (fig. 3). Em certos trechos a mata não alcança o alto dos tabuleiros, interrompendo-se na ruptura que denuncia o início do vale. Aí o capeamento ou é exclusivamente silicoso ou é sílico-argiloso, sendo o segundo componente em pequena porcentagem. Nessas circunstâncias a acentuada porosidade dos sedimentos e a

ausência da camada vegetal não criam ambiente para o estabelecimento da cultura cacaueira.

Onde o capeamento está revestido pela mata, há umidade e camada vegetal. No entanto, aí, derruba-se a mata e ateia-se o fogo para aproveitar o solo, principalmente para a cultura da mandioca. O lavrador não o aproveita para plantar o cacaueiro. A preferência pelos solos que contêm elevada porcentagem de argila, como os que jazem diretamente sobre rochas eruptivas ou metamórficas, ou, ainda, em mistura com os blocos resultantes da decomposição, talvez, resulte mais da tradição na região<sup>5</sup>, do que da experiência. Dizemos isso porque “a respeito do caráter dos solos, as opiniões dos plantadores são muito diferentes nos diversos países. Uns preferem solos quase arenosos, outros barros médios, outros até argilas arenosas, se elas não são plásticas demais. Uniformidade de opinião existe somente em dois pontos: que argilas impermeáveis não prestam para o cacau e que êle cresce melhor nos solos húmosos de floresta — aliás o seu *habitat* original”.<sup>6</sup>



Fig. 4 — Foz do Jequitinhonha. Para a direita da fotografia a cidade de Belmonte, construída sobre sedimentos flúvio-marinhos. O Jequitinhonha depois de deixar a planície aluvial, mais a montante da cidade de Belmonte, corta uma larga faixa de restingas, para depois desembocar no oceano. Nas restingas há plantações de coqueiros.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Na mata litorânea está um dos fundamentos da economia predominante. Nela encontram-se a piaçaveira e o dendêzeiro, que, protegidos da luz solar direta, têm o seu desenvolvimento dificultado. Ambos tomam grande desenvolvimento quando após a utilização do solo o homem o abandona ou quando

<sup>5</sup> A tradição mais difundida na zona cacaueira não afeta o aproveitamento do solo da planície quaternária dos rios Pardo e Jequitinhonha (fig. 5). Nas pestanas que margeiam êsses rios as “roças de cacau” se sucedem, fugindo dos baixios permanentemente pantanosos.

<sup>6</sup> VAGELER, Paulo e outros — Obra citada, pp. 73 e 74.

abre claros na floresta para a luz incidir diretamente sobre eles. Outra palmeira, o coqueiro, que ao contrário das precedentes é cultivada, tem o seu *habitat* nos cordões litorâneos, constituídos de material silicoso e umedecido pela água salina (figs. 3 e 4).



Fig. 5 — Rio Jequitinhonha. Vista aérea parcial da planície quaternária e dos meandros divagantes do Jequitinhonha. Observa-se no canto interior esquerdo o tabuleiro terciário. As plantações de cacau localizam-se no alto das pestanas.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

O extrativismo, portanto, não está na dependência exclusiva do meio, no caso a mata. Ele é, também, uma conseqüência do tipo de ocupação do solo: a agricultura itinerante na faixa do extrativismo vegetal.

## CAPÍTULO II

### A OCUPAÇÃO HUMANA E SUAS CARACTERÍSTICAS

#### *O povoamento*

Dos primórdios da colonização até às primeiras décadas do século passado, o interior da zona produtora de cacau não passava de uma região dominada por tribos indígenas que punham em perigo a existência dos poucos e decadentes núcleos brancos do litoral. A população, de densidade baixa, concentrada em pobres povoados, como São Jorge Ilhéus, o mais antigo, Camamu, Olivença, Itacaré, Belmonte e Canavieiras, circunscrevia as suas atividades, quase que totalmente, às necessidades do consumo de suas vilas.

Veza ou outra, suas gentes aventuravam-se a formar bandeiras, rumo ao sertão. Entre elas, cita a história, a de LUÍS ÁLVARES ESPINHA, em fins do século XVI, saída de Ilhéus. Ainda de Ilhéus, partiram as bandeiras de LUCAS DE FREITAS e de DOMINGOS HOMEM D'EL-REI.

Nos princípios do século passado, poucos anos antes da visita do príncipe MAXIMILIANO à região, os vales dos rios Cachoeira, Colônia, Pardo e Verruga foram percorridos por uma expedição encarregada de abrir um caminho transitável entre Ilhéus e Conquista. Essa estrada teria a finalidade de encaminhar as boiadas do sertão para Salvador, utilizando-se do pôrto de Ilhéus. Mas, conforme relato DE NEUWIED, tal projeto não vingou, em vista de não haver instalações adequadas em Ilhéus para a estada do gado e transportes regulares, entre a sede da antiga capitania e Salvador.

Mais para o sul, esporadicamente, expedições do interior desciam para o Atlântico, utilizando-se dos trechos navegáveis do Jequitinhonha, desde o planalto até a sua foz. Além dos povoados litorâneos, o viajante, desejando alcançar o sertão, raramente encontrava um povoado. Sòmente na borda oeste da região em estudo, já no sertão, existiam outros povoados, êsses inteiramente dedicados à economia pastoril.

Dos rios da zona cacauera, que mais tarde desempenhariam papel capital no devassamento e ocupação do solo, sòmente o Jequitinhonha, atraiu, um pouco, os interêsses das autoridades coloniais.

Em fins do século XVIII e início do século passado, resolveu o govêrno colonial estabelecer quartéis nas margens do Jequitinhonha para impedir a desarmonia entre as tribos indígenas, que por aí vagavam, e para sustar os morticínios entre índios e brancos, quando êstes procurassem estabelecer-se nas margens do rio<sup>7</sup>. Visando à ordem e à harmonia, através do vale do Jequitinhonha, fundaram-se os quartéis de Cachoeira e do Salto, êste no planalto mineiro, na divisória da Bahia com Minas Gerais. Graças a essas medidas, iniciou-se um comércio irregular e fraco entre as cidades litorâneas e as do sertão mineiro. De Belmonte enviava-se para o planalto o sal tão necessário ao desenvolvimento da sua economia, a pecuária. Em troca recebia milho, toucinho, carne sêca, pólvora, algodão, etc. Além dêsse incipiente comércio entre o litoral e o interior mineiro, os povoados da orla marítima, principalmente Ilhéus e Belmonte, exportavam, para Salvador e Pôrto Seguro, farinha de mandioca, arroz, madeiras de lei e aguardente.

Através dessas linhas, percebe-se que, durante mais de três séculos, êsse trecho do sul da Bahia não conheceu nenhuma razão que pudesse desviar, em sua direção, correntes povoadoras. Sòmente, às suas bordas, na estreita faixa do litoral e no sertão, restringia-se o povoamento, explotando insuficientemente a terra.

Já em meados do século XVIII alguns municípios da atual zona cacauera conheciam o cultivo do cacau, se bem que em proporções modestas. Outros municípios só o conheceram em pleno século XX. Plantado, inicialmente, nas margens do rio Pardo, no atual município de Canavieiras, provàvelmente no ano de 1746, passou para outros municípios: Ilhéus (1783), Una (1808), Itabuna (1844-1847), Itacaré (1892) e Poções (1916).<sup>8</sup>

Apesar do conhecimento relativamente antigo do cacauero foi sòmente a partir da última década do século XIX que se deu a intensificação dessa lavoura, com a atração de mão de obra de outras regiões para o sul da Bahia.

<sup>7</sup> MAXIMILIANO — "Viagens ao Brasil".

<sup>8</sup> Informações fornecidas pela Inspeçtoria Regional de Estatística (Bahia).

O Recôncavo e o Nordeste foram as regiões fornecedoras dos maiores contingentes humanos para a zona do cacau.

O Recôncavo baiano, sob o regime da pequena propriedade e com denso povoamento, não dando o sustento necessário para os lavradores da cultura canavieira, passou a fornecer consideráveis contingentes, ávidos de novas oportunidades. Quanto ao Nordeste, as condições mesológicas, já conhecidas, vêm, desde o século passado, contribuindo para a conquista do interior cacaueiro.

Atualmente, essa zona econômica da Bahia, apresenta forte densidade de população, em contraposição com outras áreas do estado.

A seguir apresentamos uma série de tabelas que proporcionam uma visão numérica, para que se possa perceber a evolução do crescimento demográfico da região a par da sua valorização econômica.

CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO <sup>9</sup>				
1872	1890	1900	1940	1950
37 518	57 687	70 947	372 450	476 828

VALORIZAÇÃO ECONÔMICA <sup>10</sup>					
ANO	Produção (Toneladas)	Valor da produção (Cr\$ 1 000)	Contribuição do cacau (Cr\$ 1 000)	Renda estadual total (Cr\$ 1 000)	% fornecida pelo cacau
1875.....	812	248	15	2 308	0,65
1895.....	6 732	4 388	658	8 769	7,50
1915.....	41 546	37 144	6 388	22 363	28,56
1925.....	60 348	67 800	10 640	54 289	19,46
1935.....	95 408	128 494	17 885	78 885	22,67
1945.....	115 144	215 163	99 448	189 241	52,55

### *Crescimento e distribuição da população*

As variações quantitativas da população e sua distribuição espacial estão condicionadas a fatores diversos. Êstes fatores, apesar de agirem concomitantemente, serão tratados isoladamente e dados como causas principais do crescimento e da distribuição da população na região em aprêço.

Na Zona Cacaueira da Bahia os fatores que mais influíram no crescimento da população (vide tabela do crescimento demográfico) foram, desde o início do ciclo econômico do cacau, o constante aumento das necessidades de cacau nos centros industriais europeus e as possibilidades oferecidas pela terra, para o desenvolvimento da monocultura.

<sup>9</sup> No cálculo da população foram utilizados os dados dos recenseamentos gerais, menos o de 1920 por não oferecer segurança. Nos dados transcritos foram considerados somente as populações dos seguintes municípios: Ituberá, Camamu, Marauí, Itacaré, Ubaitaba, Ilhéus, Itabuna, Una, Canavieiras, Belmonte. Não constam as dos municípios de Jequié, Ipiáú, Boa Nova e Poções por não facilitarem o cálculo de suas populações segundo os recenseamentos anteriores a 1940.

<sup>10</sup> Dados obtidos através de várias fontes: GREGÓRIO BONDAR, "Observador Econômico e Financeiro", Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura e Departamento Estadual de Estatística da Bahia.



As causas assinaladas agiram a partir de 1890, data a que já nos referimos quando tratamos do povoamento. Os recenseamentos anteriores ao de 1950, com exceção do de 1920, evidenciam um movimento ascensional, que atinge o seu máximo entre 1900 e 1940, quando o crescimento decenal foi além de 100%. Neste período o consumo mundial de cacau que era de 101 300 toneladas, em 1900, passou a 645 500 toneladas, em 1935, num ritmo anual de crescimento de cerca de 107,4%. Marginando o aumento da produção, o preço, reflexo da primeira causa apontada, variou com tendências crescentes, salvo algumas exceções, atraindo massas de trabalhadores. Nesse particular, os deslocamentos humanos, motivados pela dificuldade da vida no sertão semi-árido e mesmo no litoral, que se dirigiam para a região sul do país, foram influenciados pela valorização econômica do sul da Bahia que os atraía, acenando-lhes lucros rápidos e seguros. Assim a economia cacaueira passa a competir com a fazenda de café, do sul do país, na conquista da mão de obra. As perspectivas de safras abundantes, por preços altamente compensadores, canalizaram grandes contingentes daqueles deslocamentos supra-citados para a zona cacaueira.

O preço da arrôba, de Cr\$ 8,00, em 1905, passou a Cr\$ 29,00, em 1927, caindo para Cr\$ 20,00, em 1935, e em 1940, atingiu um valor médio de Cr\$ 26,00. Estes preços, para a época, eram altamente compensadores, por causa do alto valor aquisitivo da moeda. A valorização da mercadoria (o cacau) passou a compensar, cada vez mais, a abertura de "roças" mais afastadas do centro coletor e distribuidor da época (Ilhéus), apesar da morosidade e insegurança das vias de comunicação. Inversamente, êsse fenômeno, criou modalidades novas de especulação, resultantes da entrada no comércio cacaueiro de intermediários, em maior número, entre os produtores e entre os exportadores. A partir de então, o crescimento demográfico e a expansão da área produtora exigiram novos meios de escoamento, sem o que os preços pagos deixariam de proporcionar lucros semelhantes aos antigos. Além dessa circunstância, do outro lado do Atlântico, surgia um competidor, a Costa do Ouro, o mais importante, que em 1915 atingiu uma produção quantitativamente muito superior à baiana. Enquanto a produção baiana, nesse ano, não chegou a 45 000 toneladas, a Costa do Ouro colocou no mercado internacional quase 80 000 toneladas. A presença de novos concorrentes, protegidos por potências de grande poder econômico, passou a influir nas cotações do cacau baiano, tornando-as mais instáveis.

O ritmo de crescimento que pode ser melhor apreciado na tabela abaixo, esteve condicionado, também, ao segundo fator: possibilidades em terras próprias para o cultivo do cacau.

VARIÇÃO PORCENTUAL DA POPULAÇÃO			
1872-90 (18 anos)	1890-00 (10 anos)	1900-40 (40 anos)	1940-50 (10 anos)
53,7	22,9	424,9	28,0

Enquanto houve disponibilidades em terras, consideradas boas para o cacaueiro, contingentes humanos deslocavam-se mais intensamente para a região. A exploração da terra ou a prática de atividades comerciais necessárias para os

habitantes da zona, ofereciam lucros rápidos, capacitando o recém-vindo a tornar-se proprietário agrícola.

Os fatores dados como os mais influenciadores do crescimento demográfico no período situado entre os recenseamentos de 1900 e 1940, não podem ser levados em conta para se compreender o aumento verificado nos dez anos seguintes. A variação percentual da população mostra que o aumento de 1940-1950 foi pouco superior ao encontrado no período 1890-1900.

Conduzimos a análise de crescimento até 1940 para mostrar que o acréscimo de 1950 é mais uma decorrência do crescimento vegetativo que de causas externas à zona, como ocorreu antes. As dificuldades de colocação do cacau no mercado internacional, a intensa ocupação de terras e a alta do custo da vida, são fatores que funcionam negativamente para a atração de consideráveis levas migratórias nesse período.

Outros fatores, como as secas e as pragas, afastam número considerável de trabalhadores e de pequenos proprietários da zona cacauzeira. Quando visitamos a região, no início do ano de 1953, os seus habitantes aguardavam um ano chuvoso. O período agrícola anterior, 1951-1952, esteve dominado pela seca, que se refletiu desastrosamente na safra. Enquanto em 1951 a colheita foi de 1 864 960 sacos, em 1952 foi somente de 889 829. Por esta razão o êxodo foi considerável. Um número elevado de habitantes da zona cacauzeira afastou-se daí, indo estabelecer-se em outras regiões, como no Baixo Rio Doce (em menor escala), na Zona do Mucuri (Minas Gerais) e no Extremo Sul (Bahia).

A cultura cacauzeira, atualmente, dentro do método agrícola empregado na região, atingiu os seus limites máximos. O próprio tipo de economia mista que separa a faixa cacauzeira da zona pastoril do sertão, leva-nos a admitir que já foi atingido o limite oriental. Por conseguinte, diminuiu, de muito, as disponibilidades em terra para o cacau. Conseqüentemente a afluência de contingentes externos foi consideravelmente reduzida.

A variação percentual por município, apresentada na tabela abaixo, mostra que somente três municípios apresentam um aumento substancial na sua população: Itabuna, Canavieiras e Ipiaú.

#### Variação percentual da população 1940-1950

Belmonte .....	+	20,07
Boa Nova .....	+	8,97
Camamu .....	+	6,82
Canavieiras .....	+	49,26
Ilhéus .....	+	18,51
Ipiaú .....	+	42,80
Itabuna .....	+	52,49
Itacaré .....	+	1,92
Ituberá .....	+	29,88
Jequié .....	+	7,02
Maraú .....	-	25,86
Poções .....	+	17,62
Ubaitaba .....	+	15,42
Una .....	+	22,24

Nestes municípios, foram os distritos melhor situados em relação às vias de comunicação e às áreas mais produtivas que experimentaram maior aumento. Vargito, distrito do município de Canavieiras, elevou a sua população, em 1950, de 132% sobre a de 1940. A atuação do Instituto de Cacau da Bahia foi, em parte, responsável pelo acréscimo verificado. Em 1946 o Instituto de Cacau da Bahia instalou uma agência, mais adiante da estrada (BA-2) que vinha de Itabuna, para facilitar o escoamento do cacau da zona que possuía já uma regular produção. Antes da fundação da agência o cacau tinha que ir para Mascote daí seguia à procura do porto de Canavieiras. Em 1946, junto à agência, levantou-se a residência da estrada. Da junção dessas duas fundações surgiu Camacã, que passou a centralizar tôdas as operações iniciais do escoamento do cacau. Em 1950, Camacã tinha 700 habitações, na sua maioria construídas de madeira e cêrca de 3 000 pessoas.

Mais ao norte, no município de Itabuna, os distritos de Juçari e Ibicaraí tiveram suas populações aumentadas de 89% e 60%, respectivamente. Pelas suas condições econômicas, como também se observa em Ipiaú e em tôda a faixa de transição, têm um crescimento menos sujeito às oscilações de um só mercado, o cacaueiro. Além da agricultura, o gado entra com certa parcela nas transações comerciais, ora compensando em parte a queda da produção agrícola, ora aumentando-as nos períodos de bonança.

Um confronto entre as populações urbana e rural apuradas pelos recenseamentos de 1940 e 1950 e por faixas econômicas deixa perceber melhor o que afirmamos.

	POPULAÇÃO URBANA			POPULAÇÃO RURAL		
	1940	1950	Crescimento (%)	1940	1950	Crescimento (%)
Litoral.....	39 922	47 404	+ 18,7	34 430	33 718	- 2,1
Faixa cacaueira.....	43 595	60 874	+ 39,6	178 668	203 527	+ 13,7
Faixa de transição.....	19 195	35 365	+ 84,2	145 384	182 101	+ 25,2

	POPULAÇÃO TOTAL		
	1940	1950	Crescimento (%)
Litoral.....	74 352	81 122	+ 9,1
Faixa cacaueira.....	222 563	264 401	+ 18,7
Faixa de transição.....	164 579	217 466	+ 32,1

Os números expostos realçam mais o crescimento demográfico, quer rural, quer urbano, na faixa correspondente ao tipo de economia mista. Isto indica que as populações demonstram, atualmente, preferência pelas terras interiores.

No capítulo das vias de comunicação mostramos que a sua evolução tendeu para a diminuição dos *hinterlands* dos portos não organizados da zona

cacaueira. Êste fato, o das vias de comunicação, valorizando o interior, provocou a decadência do litoral, principalmente no que diz respeito às zonas rurais. As populações litorâneas tendem a dirigir-se para o interior, não para se dedicarem a atividades rurais mas sim urbanas.

Das duas faixas interiores, a mais aquinhoada, nesse movimento ascensional foi a de transição. A causa desse crescimento urbano, parece estar, como já dissemos, quando nos referimos ao aumento total da população da faixa mista, na pluralidade de oportunidades comerciais oriundas de mais de uma atividade rural. E à medida que o centro urbano cresce, crescem também as suas necessidades.

Após a análise dos fatores de crescimento da população cacaueira, dentro da área por nós estudada, passaremos à apreciação da sua distribuição e suas causas. Entre os fatores de ordem geral destacam-se a natureza do solo e as vias de comunicação.

No estado da Bahia a cultura cacaueira estende-se, quase totalmente, em solos originados da decomposição das rochas do complexo cristalino. Fugindo a essa regra encontram-se roças de cacau numa estreita faixa de aluviões quaternárias, nas margens do Jequitinhonha e Pardo, no trecho correspondente à planície. No terciário, o número de propriedades é tão diminuto que escapa à nossa apreciação. O cacaueiro cultivado no terciário é encontrado no município de Una.

A preferência do cacaueiro pelos terrenos do complexo explicam a distribuição da população no litoral e no interior da zona. E' no litoral que a população rural é mais rarefeita, mais espalhada, com exceção do que ocorre nas proximidades de Ilhéus, por causa, naturalmente, da atração dessa cidade. E é justamente no litoral onde se encontram solos de origem ligada a afloramentos de rochas do cretáceo e do terciário. Ao norte de Ilhéus há manchas cretáceas e terciárias e ao sul, além da formação Corurupe (cretácea), estende-se, a partir de Una, uma faixa contínua de sedimentos terciários.

As cidades e vilas do litoral, com exclusão de Ilhéus, estão em plena decadência por motivos já apontados.

Na influência que as cidades do litoral podem ter no tocante a uma relativa concentração rural, destaca-se o papel negativo de Canavieiras e Belmonte. Estas duas cidades estão construídas numa extensa planície formada de restingas. Nessa região arenosa o homem rural tem as suas atividades ligadas ao coqueiro. Essa cultura não determina, por si, concentração rural de vulto. Ao lado da constituição silicosa do solo, acresce ainda a presença de trechos pantanosos, por causa do represamento das águas pela contínua acumulação marinha. O ambiente, em volta dessas cidades, afasta o homem rural.

Diferente é a situação de Ilhéus. Desde os primeiros tempos da febre do cacau até os tempos atuais, Ilhéus não sofreu interrupção no seu progresso (fig. 6). A existência de um ancoradouro natural, que apresentava condições suficientes e ótimas para os primeiros tempo., os vales da Cachoeira e Almada, oferecendo fácil penetração e com trechos navegáveis e condicionando-se êsses fatores à intensificação da cultura cacaueira, que encontrou ambiente natural propício, temos as razões da ascendência de Ilhéus sobre a zona cacaueira que

se formava. Ilhéus cresceu, por conseguinte, graças ao seu sítio e à sua posição na região. Realçaram mais o seu poder de concentração urbana, obras como a construção da estrada de ferro, instalações portuárias e, mais tarde, a rodovia Ilhéus-Itabuna.



Fig. 6 — Zona residencial de Ilhéus, conhecida pela denominação de Cidade Nova. Ai, reside a classe mais abastada, de preferência altos funcionários e cacaucultores ricos. As ruas largas e retilíneas da Cidade Nova contrastam com as ruas estreitas e tortuosas da parte velha de Ilhéus.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

À sombra de Ilhéus gravitam povoados e vilas. Entre os primeiros destaca-se Itaípe. Êste povoado, atualmente, tornou-se um local de veraneio dos moradores de Ilhéus. Entre as vilas, Pontal dos Ilhéus, pela atividade dos seus habitantes, nada mais é que um subúrbio de Ilhéus. A maioria da população de Pontal dos Ilhéus participa da vida econômica e cultural de Ilhéus. “A sua população, salvo os comerciantes, que atendem às necessidades mais imediatas, e alguns artesãos, têm sediada a sua vida econômica em Ilhéus. Daí o enorme tráfego nas lanchas que fazem o percurso Ilhéus-Pontal. “Os jovens estudam nos ginásios, escola normal e escola de comércio ilheenses. O telégrafo está em Ilhéus”. “As próprias companhias de navegação aérea, cujos aviões descem no seu aeroporto, é em Ilhéus que mantêm as suas agências. Chegamos quase à conclusão que tôda a vida em Pontal reflete a que se vive em Ilhéus”.<sup>11</sup> As relações existentes entre Ilhéus e Pontal são quase as mesmas que se verificam entre Banco da Vitória e Ilhéus.

No interior, ao contrário do que se verifica no litoral, a população é mais densa e concentrada. Coincide com as faixas cacauceira e de transição que se assentam em solos predominantemente oriundos da decomposição de rochas do complexo cristalino. Encontramos aí centros urbanos bem populosos como Ipiaú,

<sup>11</sup> SANTOS, Milton — “Uma cidade apenas”, artigo publicado em “A Tarde”, de 25 de março de 1953. Salvador — Bahia.

Coaraci, Ibicaraí e Itabuna, que influem no meio rural, tornando-se importantes centros comerciais.

No interior, outro fator que tem grande influência na distribuição espacial da população são as vias de comunicação, representadas atualmente pelas rodovias. No capítulo das "Vias de Comunicação e os Meios de Transporte" mostraremos com mais minúcia o papel dos rios e das rodovias. Antigamente nos rios se concentrava a população cacaueira, ou por causa da facilidade de comunicação ou pela necessidade do abastecimento de água. Hoje, o Pardo e o Jequitinhonha, nos trechos navegáveis, por falta de outras vias de comunicação, ainda mantêm algum poder de atração sobre a população rural dos municípios de Canaveiras e Belmonte. Quanto a êste último rio a situação já apresenta certa diferença em Itapebi e proximidades. O desenvolvimento de Itapebi data mais ou menos de cinco anos quando a BA-2 tocou as margens do Jequitinhonha (fig. 7). De Camacã até aquela vila a estrada não está totalmente concluída. Grande parte dela ainda está por encascalhar. No entanto já se nota alguma influência

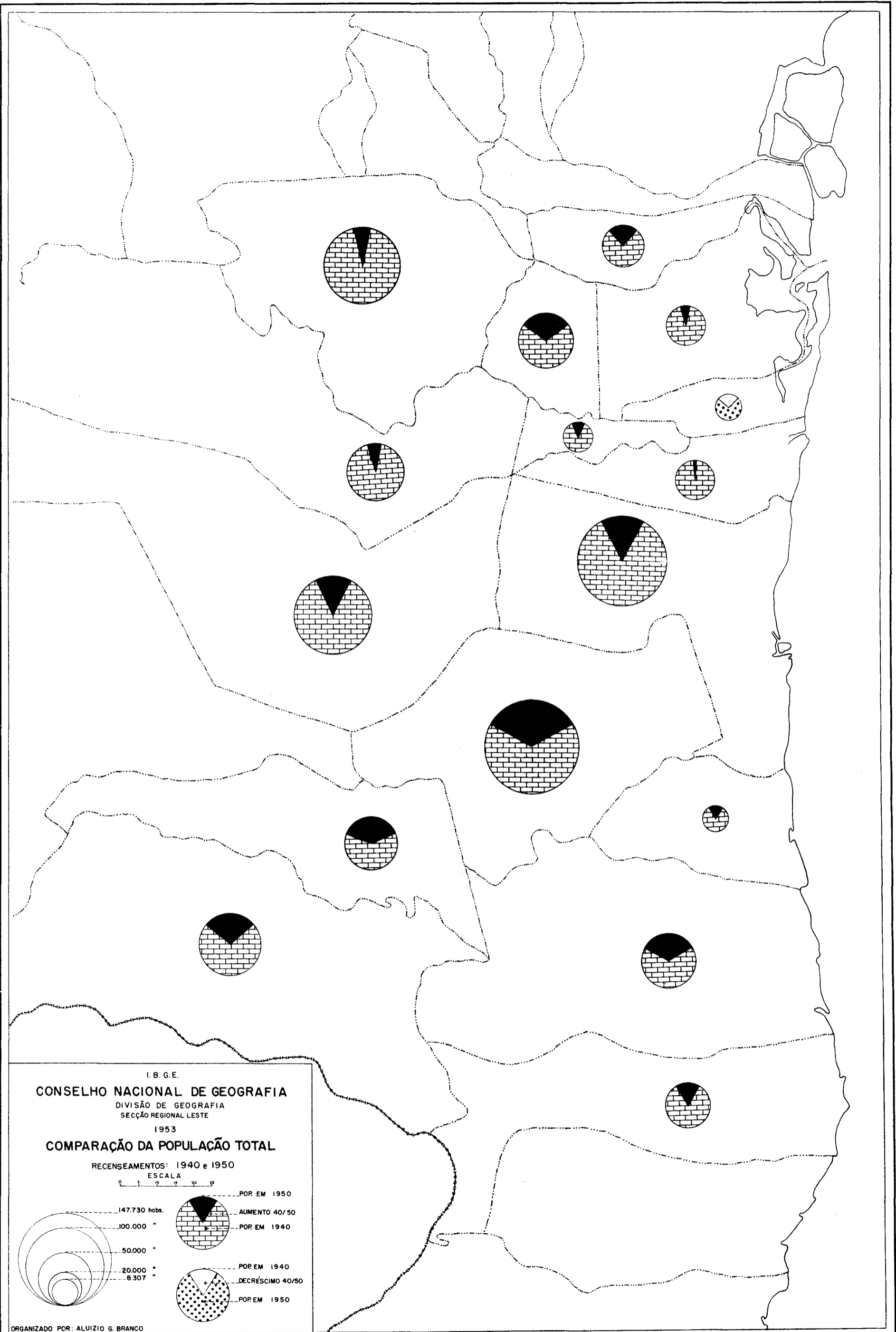


Fig. 7 — Vila de Itapebi, município de Belmonte, às margens do Jequitinhonha. É o ponto terminal da navegação do Jequitinhonha. Atualmente tem progredido, em virtude da chegada da estrada de rodagem Bahia-Espírito Santo (BA-2).

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

da estrada na vida da cidade e, indiretamente, no aumento da produção cacaueira. Quando a estrada puder suportar um tráfego pesado a produção agrícola do baixo Jequitinhonha provavelmente se desviará de Belmonte para Itapebi.

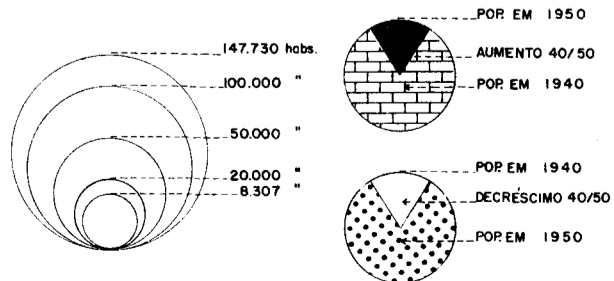
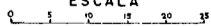
Influências mais decisivas da estrada na distribuição da população observa-se mais ao norte, a partir de Camacã. Percorrendo-se a BA-2 ou a Ilhéus-



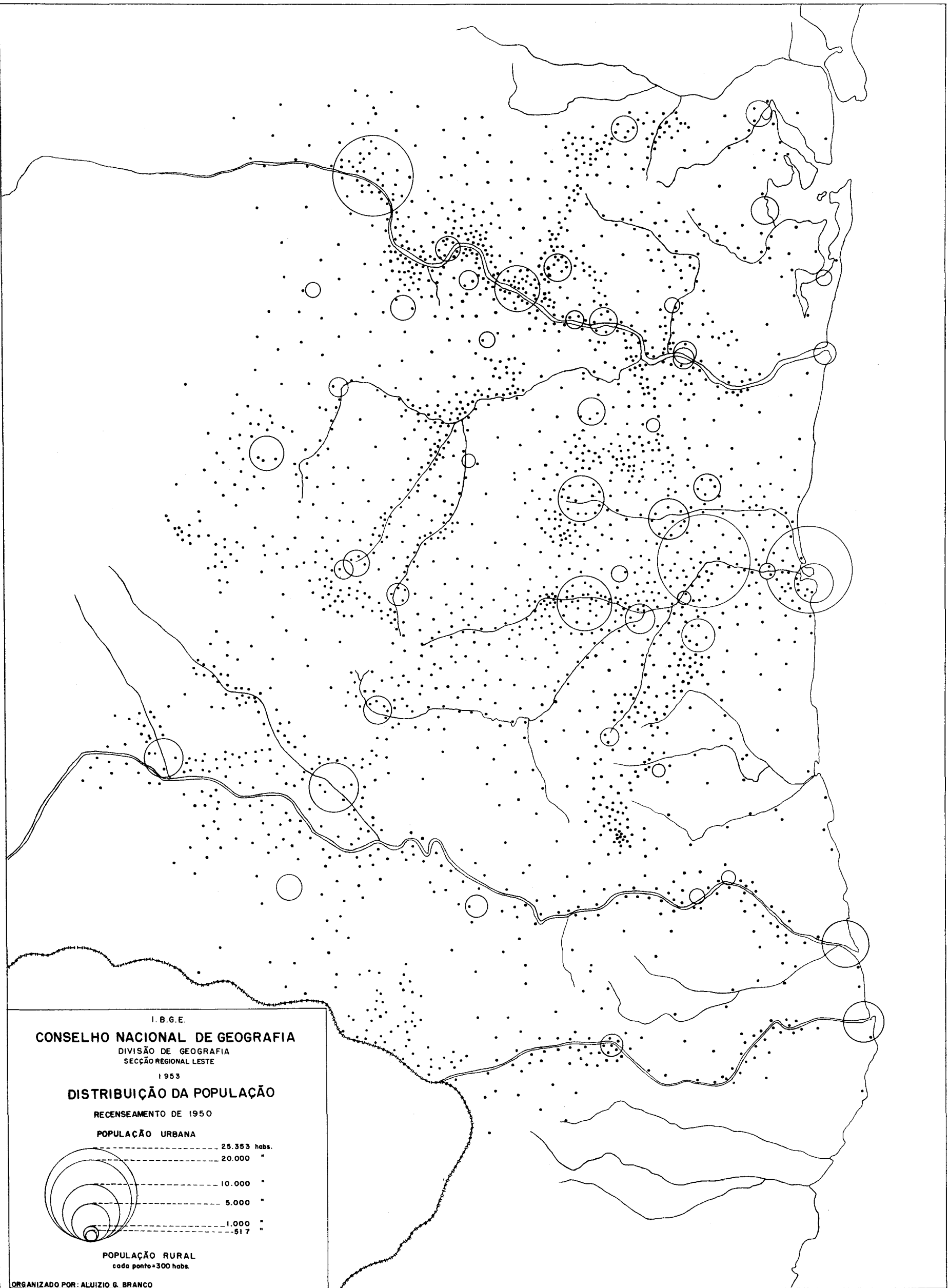
I. B. G. E.  
**CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA**  
 DIVISÃO DE GEOGRAFIA  
 SECÇÃO REGIONAL LESTE  
 1953  
**COMPARAÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL**

RECENSEAMENTOS: 1940 e 1950

ESCALA



ORGANIZADO POR: ALUIZIO G. BRANCO

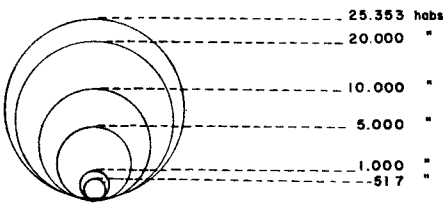


I. B. G. E.  
**CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA**  
 DIVISÃO DE GEOGRAFIA  
 SECÇÃO REGIONAL LESTE

1953  
**DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO**

RECENSEAMENTO DE 1950

**POPULAÇÃO URBANA**



**POPULAÇÃO RURAL**  
 cada ponto = 300 hab.



Conquista verifica-se a existência de vários povoados, “filhos da estrada”<sup>12</sup>, e inúmeras fazendas que têm a sua sede à beira da estrada. O mapa de distribuição da população representa bem a atração que essas estradas têm sobre a população rural. De Gandu, passando por Ibirataia, Ubatã, Itajuípe, Itabuna, Buerarema até Camacã observa-se com nitidez o enfileiramento de pontos. O mesmo fenômeno pode ser visto de Ilhéus até Floresta Azul, povoado recente, “filho da estrada” (1938), situado a 10 quilômetros a oeste de Ibicarai. O trecho Ibicarai-Floresta Azul é uma “rua” no dizer de um morador daquela vila. De fato, é impossível dizer onde termina Ibicarai e começa Floresta Azul.

Ainda ligado ao fator comunicação está o desenvolvimento de Itabuna. Concorrendo com Ilhéus, Itabuna já em 1940 apresentava uma população um pouco superior à daquela cidade. A estrada de ferro, primeiramente, e depois a política rodoviária do Instituto de Cacau da Bahia, foram as responsáveis principais do progresso de Itabuna, que a elevaram a principal centro coletor da zona cacauera, no tocante à exportação, e a distribuidor da produção, via Ilhéus.

A posição da cidade de Itabuna em relação às sedes dos distritos que compõem o município de Ilhéus lhe favorece muito. Uruçuca, Itajuípe, Banco Central, Pimenteira, Coaraci, União Queimada, Barro Preto e Itapitanga, oito distritos entre onze cacaueros estão ligados a Ilhéus através de Itabuna, tornando-a também o centro econômico de 2/3 do município de Ilhéus.

Outro trecho de forte concentração é o que se estende pelo vale do rio de Contas. Tanto a população rural quanto as vilas e cidades se localizam de preferência na margem esquerda do rio. Este fato é bem significativo quando se tem em vista que a estrada sobe o vale, em direção a Jequié, pela margem esquerda. É um atestado de que os rios do cacau não desfrutaram mais da importância que tiveram no passado.

### *Atividades do homem rural*

Na constituição do atual quadro rural do cacau há uma série de tipos humanos, cada um dentro de um padrão específico de trabalho e vida.

Conforme se considere este ou aquele período da história do cacau no sul da Bahia, o da febre da ocupação das terras cacaueras nas primeiras décadas deste século, ou a relativa estabilidade atual, certos tipos desempenharam relevante papel nos períodos iniciais e depois, com o tempo, passaram a ocupar posição secundária, cedendo o lugar aos outros.

Deixando de lado certos aspectos deploráveis da sua história, que motivaram o aparecimento dos “jagunços”, a lavoura cacauera determinou a formação de várias atividades rurais, cada uma delas com o seu tipo particular: o fazendeiro, o administrador, o contratista, o empreiteiro e o tropeiro.

De todos, o fazendeiro é o único que dispõe da terra. Mas, apesar de ser sua a propriedade imobiliária, nem sempre é o que está em posição econômica privilegiada e dispondo de um nível de vida ótimo ou regular. Na designação de fazendeiro é preciso destacar o pequeno e o médio do grande fazendeiro.

<sup>12</sup> Expressão utilizada por um dos engenheiros do Departamento de Estradas de Rodagem da Bahia, quando, em conversa com o autor, se referiu à origem de Camacã e Floresta Azul.

O pequeno proprietário, dono da terra de baixa produção, cuida, juntamente com a sua família, dos misteres que a roça de cacau exige nos períodos fora das safras.<sup>13</sup> Não dispõe de assalariados permanentes para os trabalhos de rotina. A limpa e a poda do cacau são feitas exclusivamente por êle e sua família. A casa de moradia é pobre, mal construída, sem conforto interno. A alimentação deficiente, quase tôda importada, é complementada pela mandioca, milho e feijão, obtidos em pedaços de terra menos favoráveis para o cacau. As dívidas, as moléstias e pragas do cacau e as sêcas, muitas vêzes obrigam-no a vender a sua "roça", que vai assim crescer o domínio territorial do grande fazendeiro.

Outra, é a situação do médio fazendeiro. Quando reside na própria fazenda, exerce mais as funções de administrador que de trabalhador de "roça". Vários dedicam-se a outras atividades estranhas à vida da fazenda, entregando-a, por isso, à direção de um gerente ou administrador<sup>14</sup>. Residindo, geralmente, fora da fazenda, o fazendeiro médio possui um nível de vida mais ligado à sua posição social e econômica na vila ou na cidade, que propriamente ao meio rural.

O proprietário de terras de elevada produção, o grande fazendeiro, procede, em parte, como o médio fazendeiro, entregando as suas propriedades a administradores encarregados da direção da fazenda e de enviar-lhe o total das despesas e receitas anuais. Desfrutando de melhor situação econômica, os seus cuidados com a fazenda restringem-se a visitá-la uma vez por ano, raramente mais do que isso. Residem em Ilhéus, em Salvador ou no Rio de Janeiro, entregando-se a ocupações diversas.

O administrador, representante do proprietário na fazenda, é o elo de ligação dêsse com o cacau. Em vista do pouco trabalho que uma roça de cacau, no sul da Bahia, requer, o administrador, visando a uma maior ascendência social e econômica entre a população rural vizinha, levanta um barracão, enche-o de mercadorias de tôdas as espécies necessárias para o fornecimento local. Geralmente, é o único comerciante, o único "bodegueiro" do lugar. Torna-se fácil perceber a sua posição social e econômica no meio, quando sabemos que chegam a ser proprietários de terras.

Sujeitos à autoridade do administrador, ou, como às vêzes ocorre, sob a influência direta do médio proprietário, estão, conforme a época agrícola, o contratista, o tropeiro e o empreiteiro. O contratista é o trabalhador rural que contrata, com o responsável pela propriedade, plantar cacau em uma determinada área, e se obriga a cuidar da plantação num determinado número de anos. Conforme o município, o contrato entre as partes é oral ou lavrado em cartório. Nos municípios de Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Ubaitaba, Ipiaú e Jequié, predominam os contratos escritos, enquanto nos restantes o contrato é simplesmente apalavrado. Tanto no primeiro quanto no segundo caso, as partes estipulam seus direitos e obrigações. Para melhor documentar as relações das partes, trans-

<sup>13</sup> Num período de 12 meses a lavoura de cacau oferece duas safras: o "temporão", que vai de abril a julho, e a "safra", que se inicia em setembro estendendo-se até dezembro. Há ainda outras denominações referentes à colheita (no sentido comum da palavra) como sejam: a) "colheita": restringe-se mais ao período do meio da "safra" (no sentido regional); b) "catagem": colheita dos frutos que amadurecem fora dos períodos do "temporão" e da "safra"; c) "bonga-bonga": é o mês de janeiro, quando se dá a "catagem do resto".

<sup>14</sup> Mais conhecido por essa designação. O termo gerente não tem expressão regional.

crevemos, a seguir, uma cópia de contrato lavrado em cartório. O contrato oral pouco difere do escrito, salvo no que diz respeito ao seu valor jurídico.

*“Cópia autêntica da escritura pública do contrato de empreitada, lavrado às fôlhas 59 a 61, do livro de notas n.º 17 do cartório de notas da comarca de Ipiatú”*

“Escritura pública de contrato de empreitada que entre si fazem Daniel Alexandrino Leal, Pedro Sant’ana e D. Silvina Alves, como adiante se declara. Saibam todos quanto esta pública escritura virem que aos vinte e seis dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e cinqüenta e um, nesta cidade de Ipiatú, têrmo e comarca do mesmo nome do estado da Bahia, em meu cartório, perante mim, Protógenes Mendonça Jaqueira, tabelião, compareceram partes entre si justos e contratados a saber: De um lado como outorgantes e reciprocamente outorgados, Daniel Alexandrino Leal e Pedro Sant’Ana, brasileiros, maiores, solteiros, lavradores, residentes neste município, na zona Formiga, distrito de Ibirataia; e de outro lado D. Silvina Alves, brasileira, maior, casada, agricultora, residente na zona acima referida, meus conhecidos e das testemunhas adiante nomeadas, do que dou fé. Em presença das testemunhas, pelos outorgantes, e reciprocamente outorgados, falando cada um de cada vez, me foi dito que tinham contratado com D. Silvina Alves o plantio de cacauzeiros em forma de empreitada da maneira seguinte: 1.º — o outorgante Daniel Alexandrino se obriga a plantar três tarefas de cacauzeiros correspondendo a 400 pés por tarefa<sup>15</sup> ao preço de Cr\$ 1,00 por pé, para serem entregues dentro do prazo de 5 anos, a partir desta data, cujo vencimento será em vinte e seis de outubro de mil novecentos e cinqüenta e seis; 2.º — o outorgante Pedro Sant’Ana também se obriga a plantar seis tarefas de cacauzeiros nas mesmas condições, preço e prazo, na fazenda Borborema, situada em Formiga; 3.º — os outorgantes se obrigam, conjuntamente, a tratarem dos cacauzeiros conservando-os à distância de quinze palmos de um para outro; 4.º — os outorgantes terão direito de plantar para si cereais e legumes durante o prazo dêste contrato, sem qualquer indenização da proprietária. D. Silvina Alves declarou que efetivamente contratou com os referidos outorgantes o plantio dos ditos cacauzeiros por êles declarados, pelo que aceita a presente escritura em seus expressos têrmos. Assim convenionados me pediram lhes lavrassem esta escritura a qual foi lida por mim, tabelião, perante partes e testemunhas, e achado em tudo conforme por aquelas que reciprocamente aceitaram, outorgaram, assinando a rôgo dos outorgantes por dizerem ser analfabetos, o Sr. Daniel Pereira dos Santos, brasileiro, maior, solteiro, lavrador, residente nesta comarca, com as testemunhas, José Rebouças dos Santos e Firmino Borges de Oliveira, brasileiros, maiores, residentes neste distrito, conhecidos de mim Protógenes Mendonça Jaqueira, tabelião, que dou fé e assino.

Estavam as impressões digitais dos outorgantes”.

O nível de vida do contratista está na dependência do tipo de uso da terra, neste ou naquele município. Nas zonas de cultura em terreno de mata derrubada, o contratista, durante 5 anos, dispõe de tôda a terra, sob os seus cuidados.

<sup>15</sup> Uma tarefa equivale a 4 000 m<sup>2</sup>.

sem prejudicar o desenvolvimento do cacau, para fazer a lavoura de culturas temporárias, dispondo, totalmente, das safras. Nessa zona, além dos empréstimos que recebe por conta do pagamento, pode auferir outras rendas e oportunidades para melhorar a sua alimentação. O mesmo não acontece nos municípios de Una, Canavieiras e Belmonte. Aí a mata brocada para o cacau não permite o desenvolvimento das culturas temporárias. Se contar com a boa vontade do fazendeiro, terá à sua disposição um pedaço de terra imprestável para a lavoura do cacauero.

Atualmente, as terras boas para o plantio do cacau estão, praticamente, cultivadas. Não tem hoje, o contratista, a mesma importância que desfrutou no passado. A cultura do cacau, de caráter permanente, capaz de produzir, às vezes, até com 80 anos de idade, não teve ainda, em virtude da modernidade da lavoura, necessidade de restauração total em grande parte da zona explorada. Por isso, poucos são os contratos que têm sido feitos nestes últimos anos. E' somente nas regiões mais novas, como Poções, Boa Nova, Jequié e Ipiáú, que o contratista ainda é um pouco solicitado.

Outro tipo que entrou em decadência foi o tropeiro. A abertura das rodovias vem afastando o tropeiro dos centros urbanos, deixando o seu campo de ação adstrito às roças de cacau, onde a tropa é o único meio de transporte das bagas de cacau para os cochos de fermentação.

O progresso dos transportes e comunicações e a ocupação intensiva da zona cacauera foram os fatores decisivos para reduzir o papel do tropeiro e do contratista na economia da região. Antes de se iniciar o ciclo rodoviário, o contratista era o pioneiro, que, a sôlido do "coronel", embrenhava-se pelo desconhecido, derrubava a mata e plantava o cacau. Nas suas pegadas, caminhando pela trilha que abrira na mata, seguia o condutor da tropa, para levar aos centros compradores, o fruto do seu trabalho. A roça do contratista era o ponto avançado da ocupação e o tropeiro o elo que o ligava à civilização.

Nas épocas de safra, trabalhando ao lado do tropeiro, aparece o empreiteiro que auxiliado pelos membros de sua família ou valendo-se de "camaradas" assalariados, encarrega-se de todos os serviços, desde a colheita até a "limpa" do cacau. A colheita dos frutos maduros, a "roça embandeirada", a "quebra do cacau", a construção dos "casqueiros"<sup>16</sup>, a fermentação das bagas nos cochos, a secagem na estufa ou na "barcaça" e o ensacamento são as operações que demonstram a sua passagem na fazenda (figs. 8 a 14). Como o contratista, que percorre as fazendas em busca de terras para cultivar, o empreiteiro e seus empregados também constituem a mão de obra instável da zona cacauera. Após a safra e os trabalhos de "limpa"<sup>17</sup> retira-se para outras tarefas nas vilas ou nas cidades da zona cacauera, quando não se retira para outras regiões, esperando voltar no ano agrícola seguinte. Fica, muitas vezes, nessa contingência, porque a fazenda de cacau não exige o concurso de mão de obra numerosa. E, por isso, poucos são os assalariados permanentes.

<sup>16</sup> Montes construídos com casca do fruto, deixados no interior das roças.

<sup>17</sup> Na zona cacauera há dois tipos de empreiteiros: a) "empreiteiro de cacau": executa tôdas as operações citadas. Êle entrega à fazenda o cacau sêco. b) o "empreiteiro de roça": encarrega-se da "limpa da roça". Esta atividade é levada a efeito depois da safra.



Fig. 8 — Estação Experimental de Uruçuca. "Quebra do cacau", em escala muito reduzida.  
Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

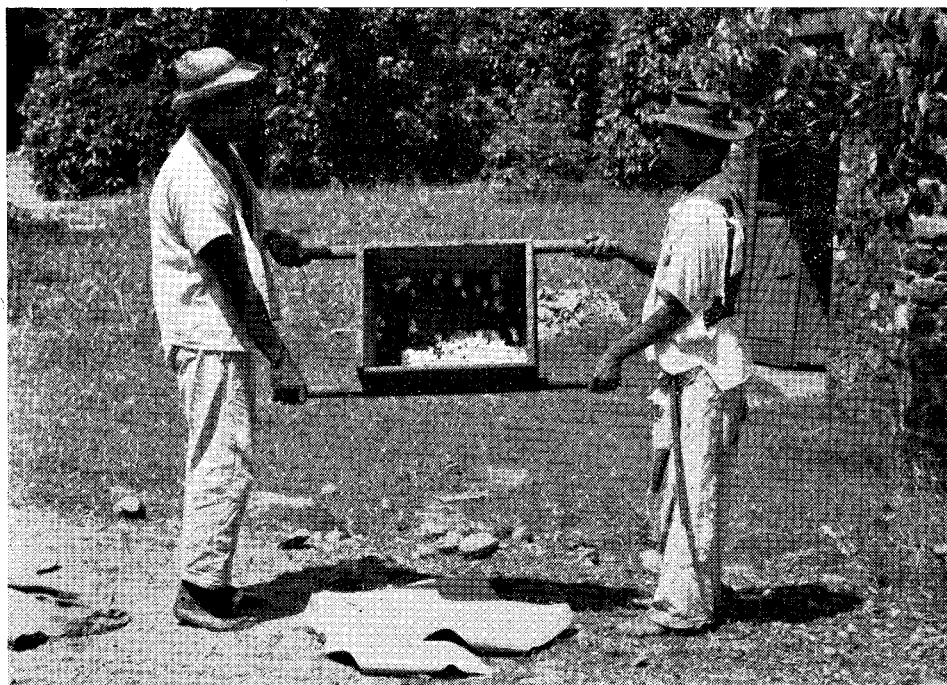


Fig. 9 — Estação Experimental de Uruçuca. Derramando o cacau nas folhas de bananeira. O trabalho está representado em proporção muito pequena, porque quando visitamos a região a saíra já estava terminada.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.



Fig. 10 — Estação Experimental de Uruçuca. “Mexendo o cacau” na barçaça. Operação necessária para secar o cacau por igual. A Estação Experimental recomenda que não se construam barçaças sobre habitações, para que as amêndoas não sejam afetadas pela fumaça dos lampêes de querosene, do fogão, etc.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.



Fig. 11 — Fazenda Bela Vista entre Banco Central e Ubaitaba, na rodovia BA-2. Notem-se as barçaças, construídas independentemente de casas de trabalhadores.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

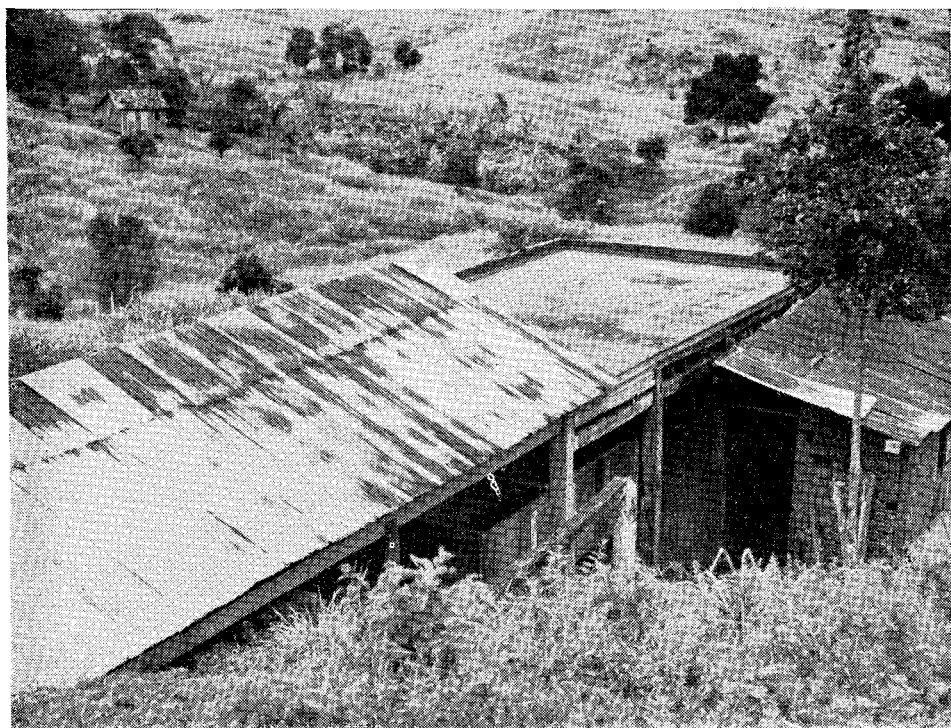


Fig. 12 — Barcaça para secagem natural do cacau. O teto móvel, corrediço, permite cobrir o cacau, espalhado no tabuleiro, durante a noite e nos dias chuvosos e sem sol. O tabuleiro é o teto da casa de um trabalhador. Observa-se, com nitidez, o côcho de fermentação, sob a barcaça.  
Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.



Fig. 13 — “Limpa do cacau”. Estação Experimental de Uruçuca. A “limpa da roça” é feita depois da saíra.  
Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.



Fig. 14 — Detalhe da "limpa do cacau". Na mão direita do trabalhador o facão e na esquerda o gancho.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

### CAPÍTULO III

#### TIPOS DE USO DA TERRA NA ZONA CACAUEIRA

A denominada zona cacaueira da divisão regional do estado da Bahia, elaborada pelo Conselho Nacional de Geografia, não se justapõe, integralmente, aos limites figurados no mapa que representa os tipos de uso da terra. O desajustamento resulta mais do método e princípios adotados que do desconhecimento das realidades humanas e econômicas da zona em aprêço. Enquanto o Conselho Nacional de Geografia, leva em consideração os limites municipais, por questões administrativas e estatísticas, nós nos preocupamos em delimitar as áreas de ocorrência dêste ou daquele tipo de uso da terra, segundo a forma mais comum na zona rural. Acresce, ainda, a circunstância de ser o zoneamento baseado nos fatos da geografia humana e econômica, que caracterizam um município ou um conjunto de municípios. No caso presente, não nos interessaram os fatos



em conjunto, mas um único aspecto da ocupação do solo — o uso da terra. Daí a diferença apontada, logo no início do capítulo.

O mapa, em questão, não apresenta o mesmo grau de precisão em toda a sua extensão. A precisão varia conforme a maior ou menor concentração da população rural. Assim, na região ao norte do paralelo de Ilhéus, os limites estão mais próximos da realidade, em virtude de certas áreas apresentarem maior densidade de aglomerações humanas. O mesmo não se dá em relação ao trecho abaixo do citado paralelo, onde a ocupação é mais dispersa. Esse aspecto também influenciou no traçado dos limites esquemáticos entre as faixas caracterizadas pelo extrativismo vegetal e a cacauieira e entre as áreas de culturas associadas e no interior de mata brocada. Para o traçado desses limites contamos somente com informações vagas, com o auxílio das fotografias aéreas existentes e, também, recorremos ao “Mapa da Zona do Cacau”, do estado da Bahia organizado pelo Instituto de Cacau da Bahia. Como elemento de referência, no campo, foi-nos de grande valia a carta ao milionésimo do estado da Bahia, executada pelo C.N.G. com a colaboração do Departamento de Geografia, Engenharia Rural e Ajudagem do Estado.

No mapa que acompanha este capítulo não estão representadas todas as regiões onde o cacau é cultivado. Não figuram aí as áreas cacauieiras dos municípios de Santa Inês, Ubaíra, Jequiçá, Mutuípe, Laje, Valença, Taperoá, Nilo Peçanha e os que integram o Extremo Sul, porque o tempo ou a inexistência de comunicações terrestres rápidas não permitiram a observação pessoal do autor. Apesar disso, figura no mapa, a área onde a produção cacauieira é a mais densa e contínua. Entre Gandu e Itapebi e Ilhéus e Ibicarai, localizam-se as principais áreas produtoras. Já os municípios citados se caracterizam pela baixa produção, que varia de 15 000 a 500 sacos por ano, em média.

#### *As faixas econômicas*

Na área em estudo observa-se uma sucessão de áreas econômicas, caracterizadas pela exploração mais importante de um produto sobre os demais. Essas áreas se sucedem, a *grosso modo*, paralelamente ao litoral. Por essa razão, denominamos essas áreas, mais ou menos retilíneas, orientadas na direção norte-sul, de faixas econômicas. Decorrendo dessa disposição, sucedem-se do litoral para o sertão as seguintes áreas: faixa do extrativismo vegetal, faixa cacauieira e faixa de transição. Somente após se entra no sertão, de economia baseada nas atividades pecuárias.

A faixa do extrativismo vegetal é assim denominada pela utilização que ao homem oferecem as diversas palmáceas aí encontradas, em estado nativo. Entre elas destacam-se a piaçaveira e o dendêzeiro (fig. 15). Na família das palmáceas, também se encontra o coqueiro, que, ao contrário das citadas, é cultivado. Incluímos o coqueiro dentro da faixa do extrativismo vegetal por insuficiência da escala do mapa, que não permite a representação cartográfica dessa cultura. Além do mais, os elementos que dispomos sobre ela não nos permitem dedicar-lhe um capítulo especial.

A faixa das palmáceas acompanha os contornos do litoral, não se aprofundando muito pelo continente. Contornando a foz do Serinhaém e a baía de Camamu,

estreita-se a partir do rio Itacaré e assim segue até o Almada, onde se interrompe. Prossegue depois na altura de Pontal dos Ilhéus, mantendo estreita a sua faixa de ocorrência para se alargar ao sul de Una. Atinge a sua maior largura nas margens do rio Jequitinhonha. Entre este rio e o Pardo a área das palmáceas quase envolve as plantações de cacau da baixada, parecendo isolá-las das que se estendem a montante.

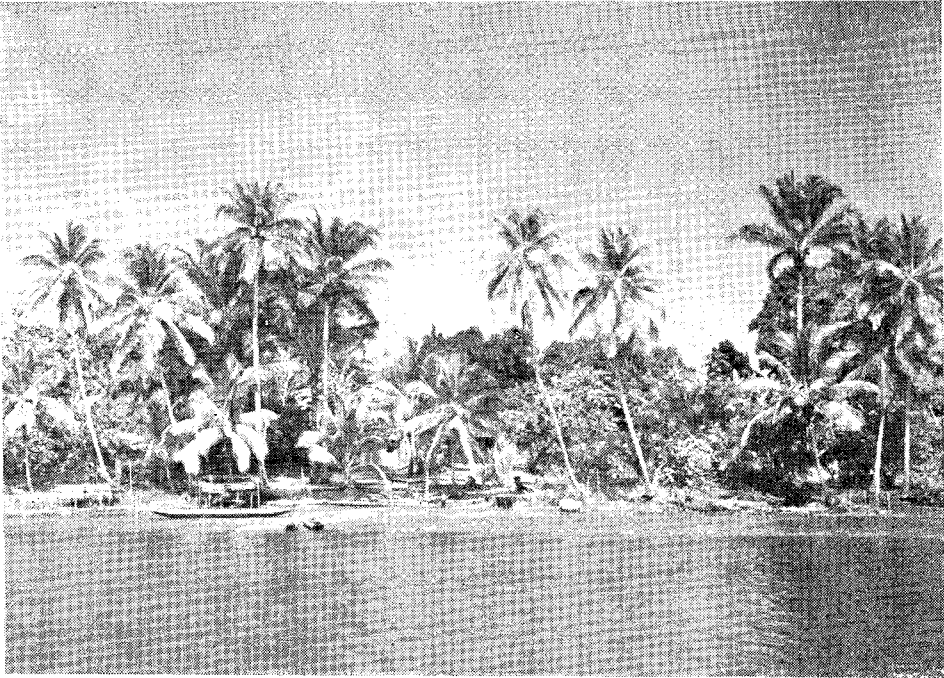


Fig. 15 — Rio Serinhaém. Município de Ituberá. Pouco antes de desembocar na baía de Camamu o rio Serinhaém corre por terrenos semi-consolidados, pantanosos e revestidos de vegetação de mangues. Vez ou outra aparecem ilhas de terrenos já consolidados. Dendêzeiros na ilha das Flores.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Dentro do quadro atual, o extrativismo e o cultivo do coqueiro não possuem expressões econômica, quando se comparam os seus valores com os da produção agrícola das faixas envolventes. Com exceção do coqueiro, a piaçaveira e o dendêzeiro são explorados sem a preocupação das conseqüências futuras. Retiram-se as folhas e os frutos, sem se atentar para os cuidados necessários que a planta requer para se desenvolver e produzir. Derrubam-se as palmeiras para facilitar a operação da colheita das folhas e frutos. Visando somente aos lucros, determina o proprietário não uma mas duas colheitas por ano. Nessa ânsia de explorar os recursos naturais o homem provoca a desvalorização natural do produto e o seu próximo desaparecimento. As queimadas, para a implantação de lavouras são, também, responsáveis pela estagnação local, do extrativismo vegetal. Idêntico desinterêsse se observa em relação ao coqueiro. O desenvolvimento dessa cultura não acompanha, em relação à área e rendimento econômico, o que se verifica nas faixas seguintes.

BONDAR, descreve, em trechos sugestivos, as perspectivas futuras que sentiu em 1942, e que ainda valem nos dias que vivemos: “Atualmente, andando num

piaçaval, é raro encontrar-se um bom cacho de côco verde, pois as inflorescências que escaparam do facão, quando novas, e floraram, foram cortadas, quando os côcos estavam verdes e as amêndoas moles, boas para a alimentação.

O perigo do futuro da indústria de piaçava está portanto, não só na destruição dos palmeirais pelo maltrato, mas, também, na destruição das futuras sementes, agente natural e único da reprodução da piaçaveira.

Nas zonas velhas da piaçava, os resultados dessa destruição das sementes, durante o decorrer dos anos, é bem manifesta. As piaçaveiras velhas morreram, e não aparecem pés novos para substituí-las. Vastos campos atuais no litoral do sul baiano eram antigamente povoados de piaçaveiras. Presentemente, nem há traços dessa palmeira.

As capoeiras crescidas, onde antigamente existiam ricos piaçavais, como perto de Comandatuba e no rio Maroim, município de Una, não contêm presentemente a piaçaveira na sua flora espontânea<sup>18</sup>.

As observações de BONDAR para o futuro da piaçaveira podem-se estender igualmente para o dendêzeiro. A destruição e a desvalorização aguardam as duas palmeiras.

A exploração extrativa, de modo geral, está subordinada a empreitadas, regime êsse que facilita maiores lucros tanto para o proprietário de terras onde ocorrem palmeirais, quanto também para o empreiteiro. A ambos importa, exclusivamente, as arrôbas colhidas. Com esta prática sofrem a piaçaveira e o dendêzeiro, atingidos pelos golpes fortes e profundos do facão, que além de extrair o que se busca também lhe fere o caule, apressando a sua morte.

O extrativismo da piaçava interessa, atualmente, a todos os municípios litorâneos da zona cacaueira, enquanto somente de Ilhéus para o norte é que há produção regular de óleo de dendê, apesar da existência da palmeira oleífera nos municípios ao sul.

A produção excedente, beneficiada, destina-se a Salvador. Chega à capital do estado em pequenas embarcações que se abastecem da matéria prima nos portos dos municípios produtores, sem escala em Ilhéus.

Seguindo-se à faixa de extrativismo vegetal sucedem-se outras dedicadas à lavoura. A primeira é a faixa cacaueira. Abstraindo-se as áreas cacaueiras existentes ao norte e sul da região estudada, as roças de cacau concentram-se de Gandu às margens do Jequitinhonha. Os seus limites ocidentais são balizados pelas localidades de Juçari, União Queimada, Tapirama e Ibirataia. Ao sul a faixa se estreita em virtude da penetração, mais para o interior das palmáceas. Desta penetração resulta o quase isolamento dos cacauais cultivados na baixada dos rios Pardo e Jequitinhonha.

Na faixa cacaueira assinalamos dois tipos diversos de lavoura, conforme as relações cacau-mata e cacau-culturas provisórias. A *grosso modo* a separação dos dois tipos de uso da terra coincide com a linha divisória entre os municípios de Ilhéus e Una, Itabuna e Una e Itabuna e Canavieiras. A mesma concordância se verifica na faixa de transição, conhecida localmente pelo nome de "zona mista", no tocante à cultura cacaueira.

<sup>18</sup> BONDAR: "A piaçaveira e outras palmeiras attaleaneas na Bahia" — P. 56.

A faixa de transição, que se segue à anterior, é a região que participa das economias vizinhas. Aí se encontram a pecuária e a lavoura cacaueteira. Ela indica-nos a proximidade do sertão e, ao mesmo tempo, evidencia-nos a penetração máxima que o cacaueteiro pôde alcançar. Aí, nas fazendas, encontramos ao lado das atividades decorrentes do tipo de economia tropical litorânea, as que se originam da economia básica do sertão. Por esta razão demos a esta faixa o nome de faixa de transição.

### *Os tipos de uso da terra*

Para melhor compreensão deste capítulo, elaboramos um mapa, onde figuram os diferentes tipos de uso da terra e suas faixas econômicas, correspondentes ou não. Nêle figuram três tipos de uso da terra, sendo que dois se referem à agricultura do cacau e um à pecuária, cuidada no interior da faixa de transição. Por estas linhas é facilmente percebido que os tipos de uso da terra foram determinados em função exclusiva do cultivo do cacaueteiro e da pecuária.

Feitas as ressalvas acima, figuramos os seguintes tipos:

- a) o cacaueteiro associado a outras culturas;
- b) o cultivo do cacau em mata brocada;
- c) a formação de pastagens.

Os dois primeiros tipos se distribuem pelas faixas cacaueteira e de transição, enquanto o último interessa mais particularmente à zona mista.

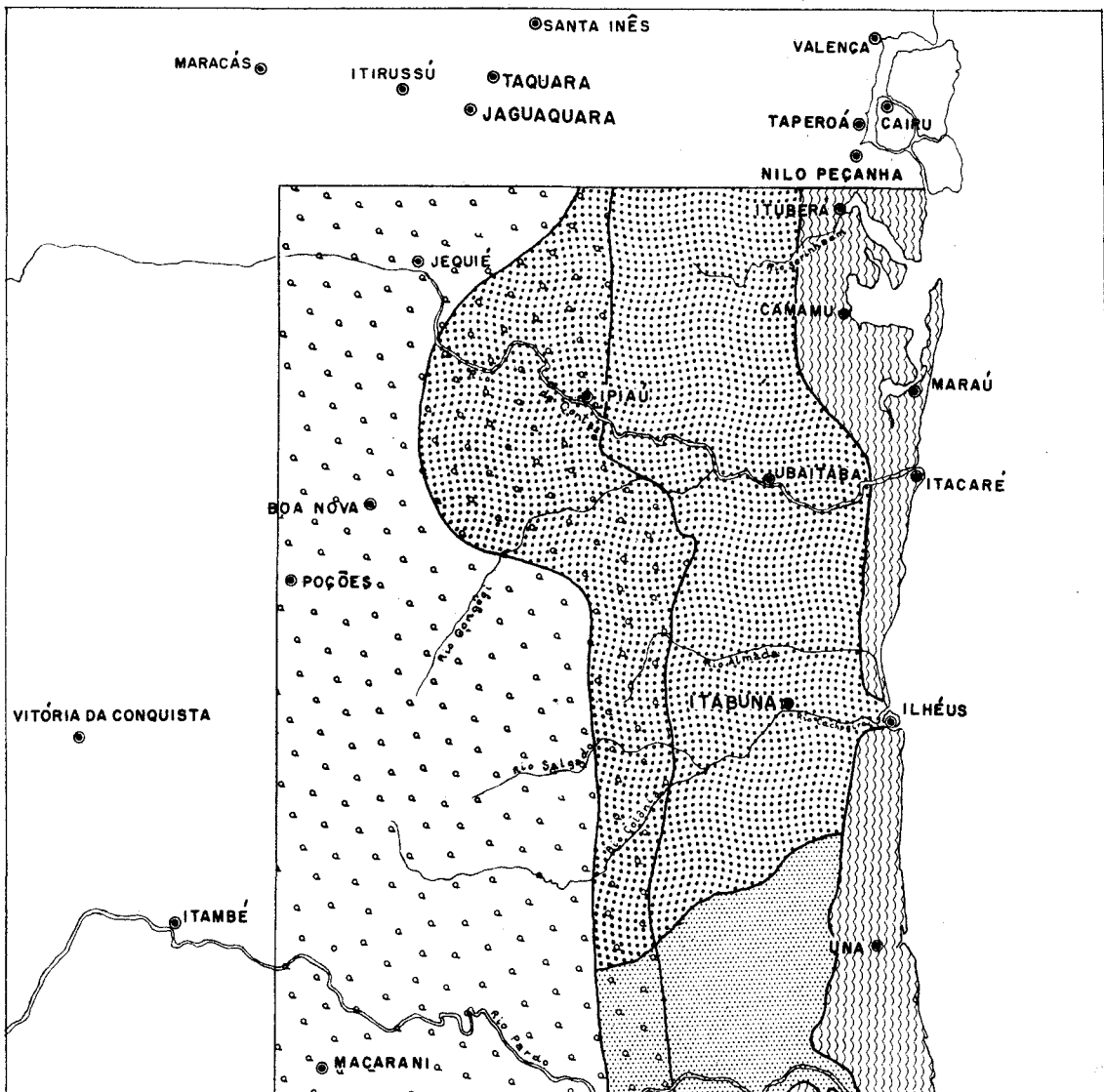
O cacaueteiro associado a outras culturas caracteriza os municípios mais populosos e melhor servidos por transportes. A este tipo correspondem os municípios de Ilhéus e Itabuna e os que se seguem para o norte.

Nesta área, antes de se iniciar o plantio do cacaueteiro, o lavrador derruba a mata, eliminando por completo, o revestimento original. Após a "derruba" não se costuma queimar, para limpar e deixar o terreno desimpedido dos galhos e folhas.

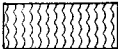



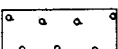
Em virtude da necessidade que tem o cacaueteiro de sombra, planta-se, ao seu lado, a mandioca, a bananeira e o milho, este em menor escala, em virtude de possuir um ciclo vegetativo muito curto (figs. 16 e 17).

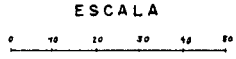
Nos municípios de Itabuna e Ilhéus, desde alguns anos para cá, vem-se desenvolvendo o hábito de associar o café ao cacaueteiro. Da mesma maneira, alguns fazendeiros têm introduzido em suas propriedades a cultura da seringueira, associada ao cacaueteiro.

No caso da associação com culturas temporárias, procura-se estabelecer um sombreamento provisório que, mais tarde, é substituído, ou por espécies plantadas ou, por outras que nascem espontaneamente, depois da derrubada. E' então possível ao responsável escolher as árvores mais indicadas para o sombreamento definitivo. Infelizmente a escolha se fundamenta mais na tradição, transmitida de geração para geração, do que na experimentação de várias espécies, acompanhada de controle científico de seus resultados. A Estação Experimental de Uruçuca, do Instituto de Cacau da Bahia, no setor de sombreamento, tem feito uma série de observações para deduzir quais as espécies que



I.B.G.E.  
 CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA  
 SEÇÃO REGIONAL LESTE  
 TIPOS DE USO DA TERRA E  
 FAIXAS ECONÔMICAS

- FAIXA DO EXTRATIVISMO VEGETAL 
- FAIXA CACAUEIRA - CACAUEIRO ASSOCIADO A OUTRAS CULTURAS (a) 
- CACAUEIRO EM MATA BROCADA (b) 
- FAIXA DE TRANSIÇÃO (a) e (c) (b) e (c) 
- PECUÁRIA - PASTAGEM ARTIFICIAL (c) 



se prestam para tal. As suas pesquisas indicam a *Erythrina velutina*, “leguminosa, de grande porte, com cêrca de 24 metros de altura, sistema foliar basto e fôlhas caducas”, como “a melhor árvore para sombreamento, dentre as estudadas até o presente”... “e a que pode ser recomendada sem reservas para tal

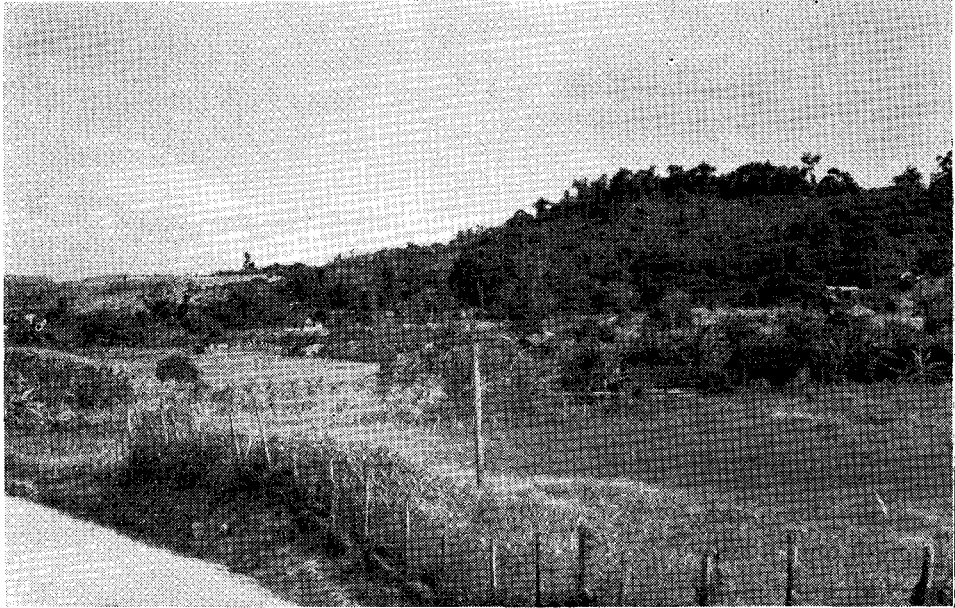


Fig. 16 — Paisagem devastada pela cultura cacaueira, entre Itabuna e Ibicaraí, pouco depois de Cajueiro, povoado visível à esquerda da fotografia. Na encosta vê-se uma derrubada recente para plantar cacau associado à bananeira.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

fim, aos lavradores da zona cacaueira da Bahia”<sup>19</sup>. No entanto, apesar das insitências dos técnicos da Estação, a mentalidade agrícola predominante reage em não aceitar a sua orientação. Sòmente um número reduzido de proprietários segue as instruções da Estação no tocante à técnica que envolve o sombreamento definitivo.

As derrubadas para o plantio do cacau e as demais modalidades inerentes a êsse uso da terra desaparecem quando se penetra no município de Una. Aí, e nos municípios de Canavieiras e Belmonte, o tipo de uso da terra predominante é o cacaueiro cultivado no interior da mata primitiva.

Para o cultivo na mata o lavrador, antes, tem de prepará-la para tal fim. À preparação denomina-se “brocar a mata”. Êste processo consiste na eliminação do “pau fino”, ou das “varas”. Em última análise retiram-se os cipós, a vegetação arbustiva e abrem-se claros no andar superior, derrubando as árvores necessárias, ou provocando a sua morte, descascando-se o tronco. E’ uma derrubada parcial da mata. Não há, por conseguinte, substituição integral do revestimento florístico primitivo. A aceitação dêsse processo reside, para nós, na dificuldade de obtenção de mão de obra com que lutam êsses municípios. Não há dúvida que também naqueles em que o cacaueiro é cultivado em terreno

<sup>19</sup> SOSTHENES MIRANDA — “Sombreamento dos cacauais,” pp. 59 e 62.

de mata derrubada, há insuficiência de trabalhadores. Mas, de Itabuna para norte, as vias de comunicação facilitam mais o acesso de lavradores de outras regiões. Una, Canavieiras e Belmonte foram, somente, recentemente, cortados pela BA-2. Antes, mantinham relações com os demais quase exclusivamente, por intermédio do mar. Como derrubar matas pressupõe mão de obra disponível, contornou-se a situação com o processo de "brocar a mata". A "mata brocada" apresenta também, ao lado da vantagem de economizar braços, as suas desvantagens e conseqüências. Entre as desvantagens destaca-se a dificuldade de regular o sombreamento adequado que permita a entrada de luz, no interior da mata, necessária para o cacauzeiro se desenvolver. Quanto às conseqüências a mais séria é a maior significação da monocultura.

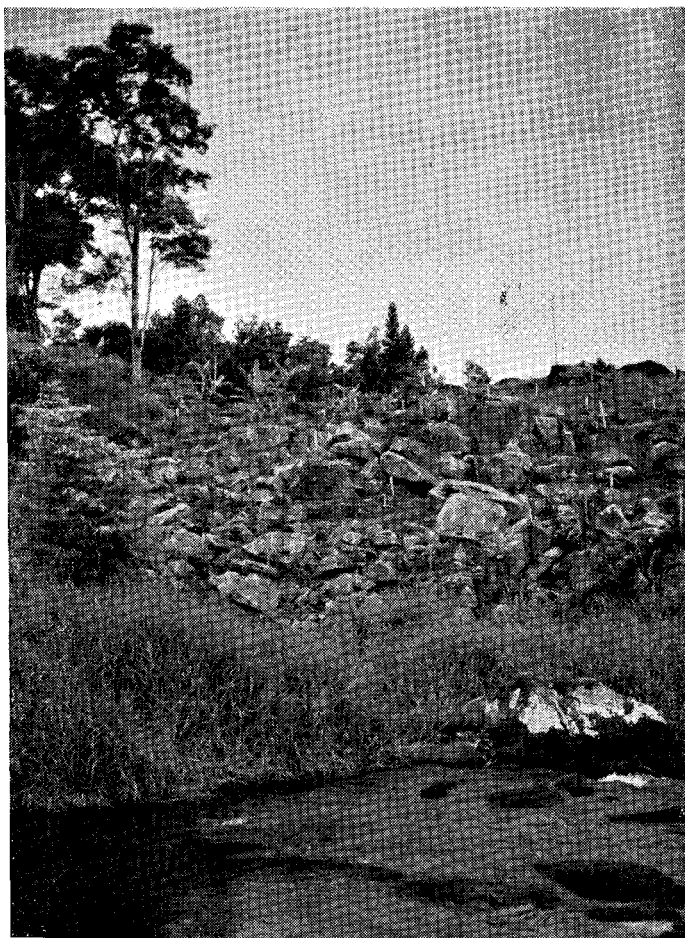


Fig. 17 — Estaca ou baliza de cacau, entre União Queimada e Coaraci. A estaca ou baliza marca o lugar onde foi plantada a semente. Observam-se ainda, vestígios da derrubada recente. Para sombrear o pé de cacau plantaram-se bananeiras.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Comparando-se os dois tipos de uso da terra, verifica-se que do município de Ilhéus para o norte as terras cacaueiras são também utilizadas para outras lavouras de subsistência, ao contrário do que acontece nos municípios do sul. Esta situação, além de influir no aspecto da maior predominância ou não da

monocultura, influi, inclusive, no nível de vida dos trabalhadores nela integrados, como já vimos em capítulo anterior.

Tratamos, até aqui, de dois tipos de uso da terra relacionados com a agricultura do cacau. O terceiro tipo a que nos referimos, mais acima, está na dependência da pecuária, que se estende em tórno das terras predominantemente cacaueiras, dentro da faixa de transição. Apesar de nesta faixa encontrarmos dois tipos de economia, não significa que se verifique uma associação entre o cacau e a pecuária.

O criatório, recente na região (mais ou menos desde há 30 anos), é uma atividade independente da agricultura cacaueira. A única relação que existe entre gado e cacau é que o capital aplicado na pecuária, de modo geral, foi proveniente dos lucros obtidos com a lavoura.

Nas fazendas mistas, que caracterizam a faixa de transição, o gado é deixado em pastos artificiais cercados, para evitar a destruição do cacau. Para formá-los, o homem derruba e queima a mata, após o que semeia o capim, de preferência o sempre verde ou o colonião. A esta primeira queimada, sucedem-se outras, periódicamente, para a restauração do pasto. As queimadas anuais nesta faixa contrapõem-se à ausência quase absoluta do auxílio do fogo nas terras cacaueiras, em qualquer dos tipos de uso da terra referentes à agricultura.

A pecuária da faixa de transição concentra as suas atividades em dois fins principais: o abastecimento dos municípios correspondentes e a exportação dentro ou fora da zona. Para satisfazer esta última finalidade os recriadores chegam a importar gado do planalto mineiro, como é o caso que se dá em Belmonte, e também as boiadas são comercializadas em outros municípios, inclusive nas feiras de Jequié e de Feira de Sant'Ana.

## CAPÍTULO IV

### AS VIAS DE COMUNICAÇÃO E OS MEIOS DE TRANSPORTE

#### *Evolução e aspectos atuais*

No sistema circulatório interno da zona cacaueira destacam-se as rodovias em detrimento dos transportes fluviais e ferroviários, que desempenham um papel mais secundário.

No estado atual das comunicações parece haver um equilíbrio entre produção e transporte se, para êsse exame, nos detivermos exclusivamente, na análise das informações cartográficas. O mapa da "Zona de Cacau da Bahia", editado pelo Instituto de Cacau da Bahia, representa tôdas as rodovias e a ferrovia que interessam diretamente ao escoamento da produção cacaueira. Através dêle verifica-se que a região em estudo possui uma rêde de comunicações relativamente densa para a área que serve.

No entanto, se às informações cartográficas juntarmos a experiência vivida no campo, teremos que abandonar as primeiras conclusões. No tempo presente as atividades dos órgãos estaduais, dos quais se destaca o Instituto de Cacau da Bahia, não são ainda suficientes para dar à região o equilíbrio produção-transporte, por nós frisado no início dêste capítulo.



No desenvolvimento desta parte do trabalho esboçaremos a situação atual das comunicações e dos transportes e, a seguir, tentaremos dar um esboço da evolução histórica da viação regional.

Na análise das vias de comunicação da zona cacauífera destaca-se, como a principal via, a estrada conhecida pelo prefixo BA-2, devido a sua posição dentro do quadro econômico da região. Em Humildes, a poucos quilômetros de Feira de Sant'Ana, na estrada para Salvador, tem nascimento a BA-2. Daí segue para o sul, passa por Gandu, Ubatã, Itabuna, Itapebi e outras cidades da Bahia. No valor econômico dessa estrada destacam-se os seguintes aspectos que a colocam na categoria já citada:

- 1.º) Corta a região de norte a sul segundo a disposição dos tipos de uso da terra;
- 2.º) Garante grande parte da circulação, tanto da produção cacauífera quanto também dos seus habitantes;
- 3.º) Pela sua proximidade com o litoral influi economicamente nas cidades costeiras;
- 4.º) Passando ao largo da faixa de transição valoriza as propriedades mistas;
- 5.º) Além dos aspectos mencionados, a BA-2 funciona como condensadora de população.

Por todos êsse fatos podemos encarar a B-2 como a linha mestra do sistema de comunicações e as demais estradas completam e realçam as suas funções. Ultrapassando os interesses próprios e diretos da região, a BA-2, dentro de alguns anos, será uma futura Rio-Bahia, logo que se complete a ligação de Salvador com Vitória.

Em direção a esta importante linha-tronco partem estradas complementares do litoral e da borda do sertão, esboçando um envolvimento total da zona cacauífera, num futuro próximo. Das linhas complementares que demandam do litoral destaca-se a Ilhéus-Itabuna, a artéria vital do movimento cacauífera do pôrto de Ilhéus. A Ilhéus-Itabuna é a estrada que articula todo o sistema viatório da região ao único pôrto organizado do sul da Bahia, o qual apresenta as melhores condições para servir como tal.

Em regime de concorrência caótica figura ao lado das rodovias a Estrada de Ferro Ilhéus, antiga Estrada de Ferro Ilhéus-Conquista. Partindo de Ilhéus os seus ramais atingiram as bordas da antiga zona do cacau. Hoje, o trem é um meio de transporte que está longe de suprir as necessidades de escoamento da produção agrícola.

Apesar dêsse panorama rodo-ferroviário, a região em aprêço, não dispõe, no seu conjunto, de um rendilhado de estradas capaz de rápido escoamento da produção para prevení-la de prejuízos vários, inclusive o decorrente da deterioração dos grãos de cacau. Êste rendilhado é ainda insuficiente porque a grande propriedade cacauífera não se apresenta contínua como nas regiões de pastoreio. Na zona do cacau a grande propriedade resulta da soma de inúmeras glebas, separadas por outras pertencentes a terceiros. Ocorre ainda o caso de um grande fazendeiro possuir pequenos tratos de terra cultivados em mais de

um município. Assim, para esta intensa subdivisão espacial da grande propriedade, as rodovias existentes são insuficientes.

A deficiência é compensada, em parte, por processos mais primitivos de transporte: a canoa e o animal de carga. Das fazendas, as tropas carregadas de cacau se dirigem para os pontos das estradas onde estão instalados os depósitos dos compradores. Assim, de maneira anti-econômica a fazenda estabelece um frágil contacto com a estrada.

O quadro descrito retrata em linhas gerais (pormenorizaremos mais adiante) a situação atual da rede de comunicações. Para chegar a este estágio a zona cacauera esperou cerca de meio século, a contar do interesse para a exportação, para ver surgirem os primeiros delineamentos da atual rede de comunicações.

Na história da viação regional podemos tomar dois marcos principais, cada um deles capital no seu tempo, para traçarmos a sua evolução: o lançamento dos trilhos da Estrada de Ferro Ilhéus-Conquista e a fundação do Instituto de Cacau da Bahia.

Até o ano de 1910, início da construção da linha férrea Ilhéus-Itabuna (linha-tronco), a zona cacauera não conhecia outros meios de locomoção que a canoa e o animal de tropa. Os caminhos abertos na mata irradiavam-se das plantações de cacau até as margens dos rios. Através do percurso fluvial, a tropa era, também, chamada a colaborar no transporte do cacau, complementando a navegação fluvial nos trechos interrompidos por obstáculos, que impossibilitavam assim o prosseguimento seguro da canoa.

Do sistema fluvial destacaram-se os rios Cachoeira, Almada, Contas, Pardo e Jequitinhonha, denominados "rios do cacau", e que até hoje desfrutam, alguns deles, grande parte da antiga importância. As corredeiras e cachoeiras, comuns nesses rios, determinavam prejuízos freqüentes ou provocavam, quando a transposição dos obstáculos se verificava impossível, a utilização das tropas de animais para contorná-las.

Os obstáculos à navegação fácil dos rios cacaueros não eram os únicos a se manifestar contrários ao escoamento mais franco da produção agrícola. As precipitações pluviais, que se verificam abundantes em todos os meses do ano (nos anos normais), eram outro obstáculo aliado ao relevo montanhoso e à constituição argilosa dos solos da região. Aí, as rochas do complexo atacadas pela ação química das águas dão solos argilosos, que com as chuvas deixam os caminhos em estado de difícil utilização. Nas épocas de chuva, as tropas de animais encontram dificuldade para transportar a carga de cacau. Dessa maneira, o transporte é mais moroso, mais arriscado, trazendo, não raro, acidentes e prejuízos para o fazendeiro.

Apesar de tôdas essas dificuldades os preços e a importância do cacau para a exportação, davam resultados bastante compensadores, de tal maneira que os pioneiros da lavoura cacauera não tinham a preocupação de melhorar as condições viatórias.

Dos rios cacaueros, o Cachoeira (fig. 18) e o Almada tiveram os seus vales, desde fins do século passado, ocupados por "roças". O primeiro, oferecia maior trecho navegável, atraindo para si maior concentração de roças. Esse fato influirá mais tarde na escolha do traçado da estrada de ferro que em vez de

seguir o vale do Cachoeira, subirá o Almada, em demanda de Itabuna. O Pardo e o Jequitinhonha, mais ao sul, antes de se lançarem no oceano, divagam em extensa planície aluvial, enquadrada pelos escarpamentos dos tabuleiros terciários. Pouco antes de deixarem a região das rochas cristalinas, até a sua foz, os obstáculos rochosos à navegação desaparecem. O leito desimpedido, o fraco declive dos rios nessa extensão aluvial e as marés altas eram fatores, como hoje, de melhor navegabilidade para as canoas carregadas.



Fig. 18 — Rio Cachoeira de Itabuna. As suas margens foram ocupadas, desde cedo, pelas roças de cacau. Teve papel saliente como via de comunicação. Primeiro a ferrovia e depois a rodagem o eliminaram do sistema circulatório da região cacauzeira.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Esta primeira fase das comunicações, com o domínio completo das influências dos rios e das trilhas, cedeu, pouco a pouco, o seu lugar de primazia, aos trilhos lançados entre Ilhéus e Itabuna, pelo vale do Almada e do rio Braço, tributário do primeiro. Iniciada a construção da linha-tronco em 1910, foi concluída em 1913, fazendo de Itabuna, a primeira “ponta de trilhos” da região cacauzeira. Ainda neste período a Companhia concessionária inicia em 1911 a construção do ramal de Uruçuca, só terminado em 1915. Dezesesseis anos depois a “ponta de trilhos” de Uruçuca se transferia para Poiri, às margens do rio de Contas. Passados três anos da chegada dos trilhos em Poiri, outro ramal é projetado e executado. Em 1934 êsse ramal atinge Itajuípe; foi o último a ser construído pela Companhia.

De modo geral, a rede ferroviária tentava enlaçar a região mais forte economicamente. A região de produção cacauzeira estende-se por todos os lados, impulsionada pelas ondas imigratórias constituídas de baianos e nordestinos an-

siosos por terras mais compensadoras que as suas, freqüentemente assoladas pelas sêcas.

Sem concorrentes, contando com mercadorias a transportar, a Companhia Inglesa lança para oeste e norte os seus trilhos, almejando o contrôlo do escoamento da produção cacaueira <sup>20</sup>.

Por falta de dados é-nos impossível perceber numéricamente a influência desempenhada pela estrada de ferro no transporte de cacau, desde a sua fundação até fins da primeira metade dêste século. Mas, o fato de sabermos do estado das comunicações e da inexistência de vias seguras e utilizáveis facilmente no decorrer do ano, é suficiente para mostrar-nos a importância da ferrovia naqueles tempos.

Em 1934, com a conclusão do ramal de Itajuípe, cessa o desenvolvimento, em quilometragem, do ciclo ferroviário.

Três anos antes, em 1931, o govêrno da Bahia fundou o Instituto de Cacau da Bahia. Através do Instituto o govêrno estadual passa a intervir na zona cacaueira, decidido a orientá-la para um novo caminho. Criado o Instituto de Cacau da Bahia, a economia regional vai se beneficiar, além de outras coisas, da inauguração das rodovias.

Pouco a pouco, o Instituto, através de suas estradas de rodagem, vai esboçando o ciclo rodoviário, que, com o tempo, influirá na decadência paulatina da ferrovia e definirá as linhas mestras da rêde de comunicações. Analisando-se o mapa que representa as "Áreas de Influências Comerciais" verificamos que as atividades viatórias do I.C.B. concentram-se de preferênciam em tôrno de Itabuna. Partindo daí, as estradas do Instituto, numa primeira etapa, atingem Buerarema, Ibicaraí, Itajuípe. Dêstes extremos iniciais as estradas do Instituto alcançam Rio Branco, Coaraci e Uruçuca. Prologando-as mais atingem Pouso Alegre e Secador <sup>21</sup>, entre Vargito e Camacã, povoado recentemente aparecido. Através do trecho Secador-Vargito, que sai de Mascote, às margens do Pardo, estabelece a ligação de Canavieiras com a futura BA-2. Ainda de Rio Branco parte um ramal para Juçari.

O sistema radial, que acabamos de descrever, está em comunicação com o litoral através de uma única via: Ilhéus-Itabuna. Tanto a exportação, de grande parte da produção agrícola, como a importação têm que se servir desta estrada. E', por esta razão, a mais movimentada e a via vital de tôda a rêde de comunicações.

Além do sistema de Itabuna, o Instituto preocupou-se em abrir estradas mais ao norte. De Jequié, cidade servida pela Estrada de Ferro de Nazaré, logo com facilidades escoadoras, o Instituto abriu uma estrada que descendo o rio de Contas estabeleceu ligação fácil com Ipiauí e daí se dirigiu para Ibirataia. De Ituberá, dispendo de um pôrto às margens do Serinhaém, parte uma estrada para Gandu. Prolongando-a daí para Ibirataia estabeleceu mais uma conexão do litoral com o sertão.

<sup>20</sup> Infelizmente um incêndio atingiu uma das dependências da Companhia, em Ilhéus, onde se achavam depositados os documentos sôbre a estrada. Por êsse motivo só dispomos de dados a partir de 1947.

<sup>21</sup> Construídas em parte pelo I.C.B.

Para terminar a análise da política rodoviária do Instituto, citaremos mais duas, cuja importância reside no fato de realçarem o papel dos rios nas comunicações da zona do cacau. No sul, às margens do Jequitinhonha, uma outra estrada, provisoriamente aproveitada pela BA-2, foi construída pelo Instituto. Trata-se da ligação de Estrêla do Norte, fazenda situada em frente a Itapebi, com Lombardia, mais ao norte. Esta estrada de apenas 22 quilômetros indica a importância do rio Jequitinhonha na história do cacau. Estrêla do Norte é o extremo da navegação fluvial e é a sede de uma das mais ricas regiões cacaeiras do vale do antigo rio de Belmonte. De idêntica situação é a que liga Banco a Taboquinhas, ambos povoados banhados pelo rio de Contas (fig. 19). Esta estrada tem por finalidade contornar a cachoeira da Pancada, obstáculo à penetração fácil pelo rio. As canoas carregadas de cacau, provenientes de Ubaitaba e regiões vizinhas, ponto terminal da navegação pelo rio de Contas, ao chegarem em Banco descarregam os sacos de cacau que daí seguem até Taboquinhas, no lombo de animais, passando novamente para as canoas ou lanchas até Itacaré, pequeno pôrto fluvial sujeito à atração de Salvador.



Fig. 19 — O rio de Contas entre Ubaitaba e Taboquinhas se apresenta com inúmeros obstáculos. Por essa razão é necessária a baldeação das mercadorias em Banco e depois em Taboquinhas.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

O quadro descrito da atuação rodoviária do I.C.B. não está completo. Além dos trechos citados há ainda outros que põem em evidência, principalmente, a função concentradora de Itabuna. Referimo-nos de preferência aos trechos mais importantes e aos que, mais tarde, depois de prolongados, passaram a constituir os grandes eixos de circulação. A obra de prolongamento, respei-

tando completamente o traçado do Instituto, foi executada pelo Departamento Estadual de Estradas. Acrescida dos trabalhos do D.E.R. da Bahia a zona cacauera dispõe atualmente de uma extensa linha de comunicação cortando-a na direção N-S e outra L-W, a Ilhéus-Conquista, a qual lhe assegura mais uma ligação com o sertão. Das duas, a BA-2 repercute mais intensamente na vida da região.

O traçado da BA-2, subordinando-se à direção norte-sul aumentou consideravelmente a área de influência do pôrto de Ilhéus. Em consequência da conclusão dessa rodovia o volume de mercadoria transportada pelo mar, dos centros cacaueros para Ilhéus, diminuiu muito, pois, parte das áreas produtoras sujeitas aos pequenos portos, ao sul e ao norte de Ilhéus, passaram à esfera de influência da BA-2<sup>22</sup>. Esta estrada lembra, em menor escala, a influência da Rio-Bahia com as consequências que a sua construção acarretou para a navegação de pequena cabotagem marítima. Influidando nos transportes marítimos, para menos, em contraposição realçou o valor das terras interiores, não só no que diz respeito à cultura cacauera, como também na exploração da terra para a criação de gado. Dela partem vários ramais que garantem o deslocamento de boiadas para os centros de concentração do gado comerciável, como Feira de Sant'Ana. A valorização das terras de pastagem, chegou a tal ponto que das fazendas mistas de Itapebi o gado já pode ser enviado para Feira de Sant'Ana, onde é comercializado, utilizando-se desas artéria. Conforme informações colhidas de Itapebi, os fazendeiros mineiros da região de Salto da Divisão pleiteam a construção de uma estrada que estabeleça ligação com Itaji, povoado à beira da BA-2. Esta pretensão diz bem da sua atração.

Ao lado dessas funções, a BA-2 tem um papel marcante no que diz respeito à distribuição e crescimento da população. Em capítulo apropriado fizemos um estudo dessa outra consequência da BA-2.

O outro eixo, o que vai de Ilhéus a Conquista, possui em menor escala, os mesmos atributos do anterior. A menor importância do eixo leste-oeste decorre do simples fato de sua posição dentro da zona cacauera. No mapa de "Uso da Terra" percebemos quais os fatos que afetam a menor ou maior importância das estradas, quer se considere o eixo norte-sul quer o leste-oeste. Este último corta as faixas econômicas em sentido transversal por uma das seções mais estreitas da zona estudada. Decorrendo dessa situação, podemos verificar que a atração em profundidade da Ilhéus-Conquista não pode ser comparada com a que caracteriza o alcance da BA-2.

A artéria leste-oeste, pelas suas características e interesse para o estudo da zona cacauera, pode ser dividida em dois trechos: um que vai de Ilhéus a Floresta Azul e o outro desta vila até Vitória da Conquista. O segundo trecho atravessa uma zona eminentemente pastoril, enquanto o primeiro corta as zonas mista e a predominantemente cacauera. É ao primeiro trecho que podemos conceder as funções atribuídas à BA-2: intensa circulação de mercadorias e passageiros e concentração de populações.

<sup>22</sup> A preferência pela rodagem é, em parte, também devida às péssimas condições portuárias, ligadas à falta de dragagem dos canais navegáveis e respectivas barras de acesso.

### *A concorrência dos transportes*

Na evolução das vias de comunicação a zona cacauceira apresentou, antes das rodovias, dois sistemas de transporte que se entrelaçaram no tempo.

Inicialmente predominou na região a utilização ativa dos rios combinada com as trilhas abertas na mata, para circulação das tropas.

Em 1910, a Companhia Inglesa, concessionária da construção e exploração de linhas férreas na região, construiu o trecho entre Ilhéus e Itabuna, iniciando, dessa maneira, concorrência com dois rios, o Cachoeira e o Almada, que estavam desempenhando papel preponderante no escoamento da produção cacauceira e abastecimento da região. Nesse primeiro choque os rios cederam o seu lugar, na primazia das comunicações, à ferrovia. Oferecendo maior segurança e, acima de tudo, transporte mais rápido, o trem garantia maior proteção para o cacau, o que as canoas não lhe podiam oferecer.

Como a maioria dos rios cacauceiros, o Cachoeira oferecia somente um pequeno trecho favorável à navegação. De Ilhéus a Banco da Vitória a navegação era franca. Essa circunstância colocava Banco da Vitória<sup>23</sup>, poucas léguas acima de Ilhéus, em posição vantajosa. Para aí convergia o cacau de toda a região cacauceira situada mais para oeste.

Importante papel também desempenhava o baixo curso do rio Almada, depois que se comunicou êsse rio, por meio de canais, como Cachoeira (fig. 20).



Fig. 20 — Trecho do canal do Itaípe, que liga o rio Almada ao Cachoeira. Aberto pelos jesuítas, desempenhou grande papel quando do estabelecimento da cultura cacauceira no vale do Almada. A ligação dos dois rios possibilitava o escoamento da produção para o porto de Ilhéus. A estrada de ferro, construída no início do século, seguiu o vale, eliminou a via fluvial no transporte do cacau.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

<sup>23</sup> CALDEIRA, Clóvis — "Ilhéus, centro marítimo", in "Observador Econômico e Financeiro", n.º 109.

O primeiro trecho ferroviário construído deslocou os primitivos centros receptores de cacau localizados nos baixos cursos dos rios Cachoeira e Almada. Itabuna foi o primeiro reflexo desse deslocamento.

A conclusão do ramal de Poiri estendeu ainda mais para o norte a concorrência entre os transportes da época.

Antes dos trilhos alcançarem Poiri o cacau de Barra do Rocha, Ubatã, Piraúna e Conceição do Oricó descia o rio de Contas até Ubaitaba. Daí seguia de tropa até Taboquinhas, onde novo embarque nas canoas era feito, dirigindo-se, por fim, para Itacaré, em busca de transporte marítimo que o levasse para Salvador. A chegada dos trilhos a Poiri afetou a navegação do rio de Contas. A produção cacaueira passou, então, a convergir para a ferrovia, acarretando grande diminuição no movimento portuário de Itacaré, que passou a contar somente com a produção de Taboquinhas e vizinhança.

Até o fim do ciclo fluvial os caminhos de tropa adaptavam-se aos trechos navegáveis. Iniciando-se a etapa ferroviária os caminhos terrestres passam a subordinar-se às linhas férreas. Por todos esses fatos podemos dizer que a E.F.I.C. operou uma revolução na zona, influenciando, decisivamente, no colapso da navegação fluvial.

A situação dominante do transporte ferroviário perdurou até a implantação da política rodoviária do I.C.B. Elegendo Itabuna centro rodoviário, abre, partindo daí, estradas de rodagem que passam a visar aos centros cacaueiros mais importantes da região.

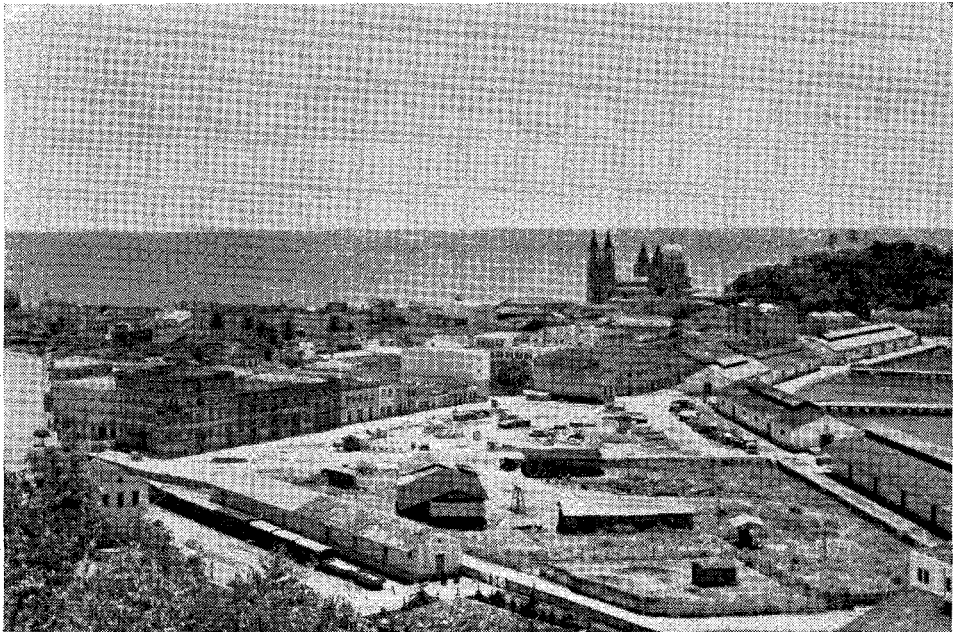


Fig. 21 — Vista parcial da cidade de Ilhéus. Observam-se o porto, a estação ferroviária, o centro comercial e o morro de São Sebastião, em cuja base surgiu a cidade. A proximidade da ferrovia e do porto dispensa a continuidade dos trilhos até o cais, realçando a antiga importância da ferrovia em relação às comunicações do interior cacaueiro com o centro exportador.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Levando as suas estradas a núcleos produtores mais interiorizados livra o cacau das longas caminhadas no dorso dos animais até alcançar a linha férrea.



Era esta a situação dos centros de Buerarema, Ferradas, Itapé, Barro Prêto, União Queimada, Pimenteira, Itapitanga, etc. O cacau dessas localidades buscava Itabuna, onde o trem o levava ao pôrto de Ilhéus (fig. 21). Mas com a rodovia Ilhéus-Itabuna, construída pelo Instituto, apareceu o primeiro sinal da concorrência que se avizinhava entre o caminhão e o trem. Semelhantemente à repercussão da ferrovia nos transportes que imperaram até 1910, o caminhão utilizando-se das rodagens foi, paulatinamente, substituindo a importância do trem.

De Itabuna e do norte abriram-se estradas que, através da atuação do Departamento de Estradas de Rodagem da Bahia, uniram-se, para dar nascimento à atual BA-2. Desenvolvendo-se paralelamente ao traçado da estrada de ferro, oferecendo transporte mais rápido, a preferência dos plantadores e compradores não demorou a se manifestar favoravelmente pelo caminhão. O conflito entre o caminhão e o trem, torna-se realçante confrontando-se a tonelagem transportada pelo trem e o movimento de exportação pelo pôrto de Ilhéus.

DADOS DEMONSTRATIVOS DO TRANSPORTE DE MERCADORIAS PELA E.F.I.\*  
E DA EXPORTAÇÃO DE CACAU PELO PÔRTO DE ILHÉUS\*\*

ANO	Mercadorias transportadas pela E.F.I. (t)	Exportação de cacau pelo pôrto de Ilhéus (t)
1947.....	15 033	59 756
1948.....	15 585	49 017
1949.....	27 148	100 000
1950.....	33 703	98 622

\* Dados fornecidos pelo escritório da estrada em Ilhéus.

\*\* Dados fornecidos pelo Serviço de Documentação e Informação do I.B.G.E.

Na parte referente ao transporte efetuado pela E.F.I., leve-se em conta que a tonelagem constante na tabela corresponde ao movimento geral de mercadorias, por conseguinte, tanto no sentido da exportação quanto no da importação e, também, não se especifica somente o movimento cacauero e sim o de mercadorias de várias espécies. Com essas explicações depreende-se, imediatamente, a responsabilidade que cabe ao caminhão no transporte do cacau. Apesar da ausência de dados, que especifiquem a natureza das mercadorias e tonelagens respectivas transportadas pela E.F.I., podemos concluir que cerca de 80%, ou talvez mais, do cacau embarcado no pôrto de Ilhéus são entregues pelo caminhão. Os 20% restantes distribuem-se entre o trem e os barcos da pequena cabotagem, que vindos de outros portos se destinam a Ilhéus carregados de cacau.

Analisando o problema da concorrência sobre o conjunto da estrada de ferro, verificamos que a linha-tronco Ilhéus-Itabuna e o ramal de Itajuípe estão longe de poder oferecer melhores condições que as rodovias que ligam Itajuípe e Ilhéus a Itabuna. Essas diminuíram o tempo de viagem que separa as aludidas cidades. Já o ramal de Poiri movimenta maior quantidade de mercadorias que os trechos citados. A situação desse ramal mudará de feição quando a estrada de

Poiri à BA-2 estiver em condições satisfatórias para o tráfego de caminhões carregados.

Os dados estatísticos e os fatos mencionados caracterizam bem o estado atual da ferrovia em relação às rodovias e deixam entrever o futuro do trem no transporte do cacau.

A disposição dos traçados da ferrovia e das rodovias, estas estendendo-se paralelamente à linha férrea ou unindo as pontas de trilhos, contribuiu para a decadência dos transportes ferroviários. Não houve, de maneira alguma, a preocupação de promover a cooperação entre os meios de transporte. Imperou a concorrência, de efeitos desastrosos para o trem.

### *Os portos do cacau*

A zona cacaueira dispõe de inúmeros portos que foram durante muito tempo o único recurso para o escoamento da produção exportável. Generalizando, todos os povoados, vilas e cidades, situados próximos à embocadura dos rios, contam com locais reservados à atracação de pequenas embarcações, de vela ou de motor, de calado e deslocamento variáveis.

De tôdas as sedes municipais situadas à beira-mar, ou próximas dela, a única que não é pôrto é a cidade de Una. Uma pequena parte da produção desse município utiliza-se da pequena ponte de atracação de Pedras, distante cêrca de 10 quilômetros de Una.

Entre os portos do cacau destaca-se, pela categoria de organizado, pela disposição da rêde rodo-ferroviária e pelas condições naturais, o de Ilhéus, situado em local quase equidistante dos extremos norte e sul da zona a êle subordinada.

Os pequenos portos, ao norte e sul de Ilhéus, experimentam uma série de obstáculos que obstruem o desempenho integral de sua função. O entulhamento dos canais navegáveis, a obstrução das barras, a construção dos cordões arenosos mudando o sitio da barra, são os empecilhos que prejudicam a sua utilização integral.

Até hoje, a situação calamitosa dos ancoradouros do sul da Bahia não mereceu a necessária atenção por parte dos poderes competentes.

Ao sul de Ilhéus, o pôrto de Belmonte é o que possui a melhor barra de acesso, por causa da potência das águas do Jequitinhonha, capaz de mantê-la nesse estado. Já se pensou em retificar e alargar o Poaçu, canal natural que comunica as bacias do Pardo e Jequitinhonha, com o intuito de melhorar as condições portuárias de Canavieiras e de Belmonte. HARTT, no século passado, comentando êsse projeto, assim se referiu: "Projetou-se retificar e alargar o Poaçu, o necessário para facilitar a navegação entre os dois grandes rios. Atualmente as águas do Pardo durante as enchentes anuais solapam o solo instável em que assenta Canavieiras. Se o Poaçu fôsse alargado e uma passagem livre se abrisse para as águas do Jequitinhonha, o resultado seria desastroso para Canavieiras bem como para Belmonte. Presentemente a luta entre o rio e o mar é a conta para preservar a barra do Jequitinhonha aberta. Desviar uma parte qualquer considerável das águas dêste rio, é possibilitar talvez que a sua barra venha a constituir um permanente obstáculo para a navegação, ao mesmo tempo que

as areias do Jequitinhonha, atiradas no Pardo, provavelmente encheriam as águas com bancos de areia e piorariam a sua barra”<sup>24</sup>. De fato, a corrente do Jequitinhonha não só permite a passagem pela barra, como também põe em perigo a cidade de Belmonte, retirando pedaços da margem em que ela se assenta. Para melhor atestar essa força das águas, o Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais, tentando impedir a destruição da cidade<sup>25</sup>, construiu uma série de espigões no leito do rio (fig. 22).

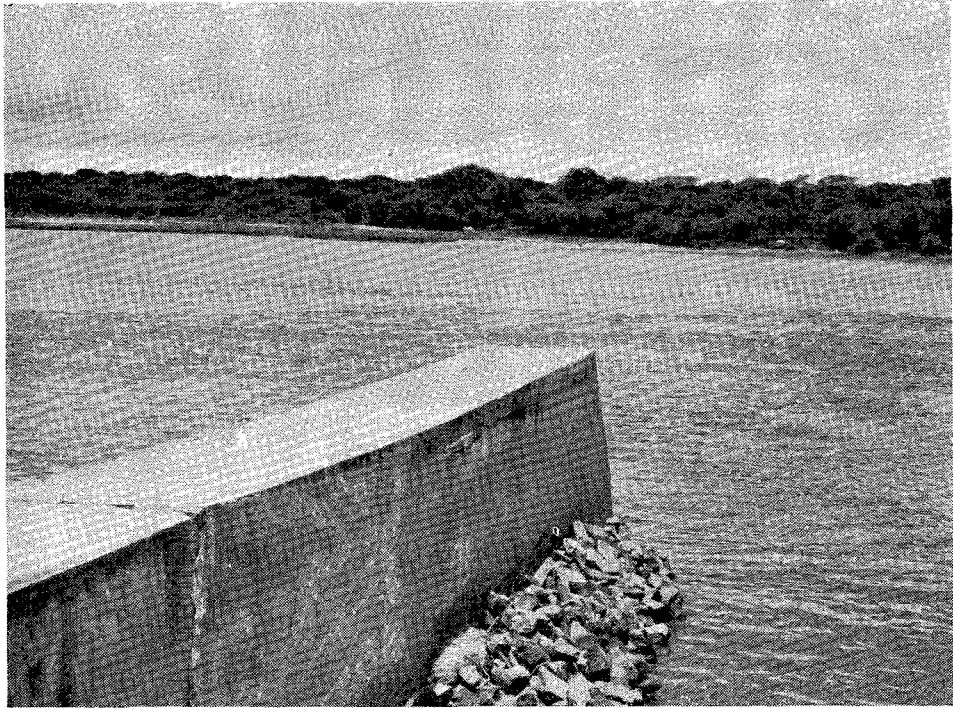


Fig. 22 — Belmonte. Espigão no rio Jequitinhonha construído pelo Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais para proteção da cidade. A corrente do rio é responsável pelos sucessivos solapamentos da margem direita, onde está assentada a cidade, pondo-a constantemente em perigo de destruição total.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

A situação descrita do pôrto de melhores condições ao sul de Ilhéus (dentro da área por nós estudada) dá uma idéia dos que desfrutam condições menos favoráveis. Aos obstáculos citados acresce outro, ligado às marés. Para transpor as barras os pilotos vêm-se obrigados a aguardar o momento da maré alta para manobrar as embarcações em direção ao pôrto ou para dêle sair. Esse fator também influi em tôda a extensão navegável dos rios da região.

Ao norte, os portos de Itacaré e de Ituberá, sujeitos à atração de Salvador, apresentam condições semelhantes aos do sul de Ilhéus. O pôrto de Ituberá dispõe de uma ponte de concreto para atracação das embarcações, enquanto o de Itacaré se utiliza de uma reentrância na margem do rio, revestida de

<sup>24</sup> HARTT, Charles Frederick — “Geologia e Geografia Física do Brasil” — “Brasiliana” — 1941 pp. 269-270.

<sup>25</sup> O comprimento do espigão, mais próximo de Belmonte, é insuficiente para protegê-la totalmente da corrente do Jequitinhonha.

um muro de pedra. Na baía de Camamu, amplo e bem abrigado ancoradouro, os portos situados ao sul da barra de acesso permitem navegação franca, independente das variações do nível da maré, o que não acontece com o de Ituberá, mais acima. Apesar disso, os municípios de Camamu e Maraú não dispõem de boas instalações portuárias. O de Camamu, por nós visitado, iguala-se pelas benfeitorias ao de Itacaré. Ambos os municípios, salvo as frágeis ligações marítimas, permanecem inteiramente isolados dos seus vizinhos, por não contarem sequer com um quilômetro utilizado de rodovia. Essa situação é estranhável quando se verifica, pelos levantamentos batimétricos da enseada de Maraú, a existência de um canal navegável para navios de grande calado. Atualmente é projeto do governo federal construir um grande pôrto em Barcelos. Quando isso se tornar realidade uma boa parte da produção cacaueira será desviada para êsse pôrto, em detrimento de Ilhéus. Essa futura situação torna-se concebível em virtude das melhores condições físicas da enseada de Maraú em relação ao ancoradouro de Ilhéus.

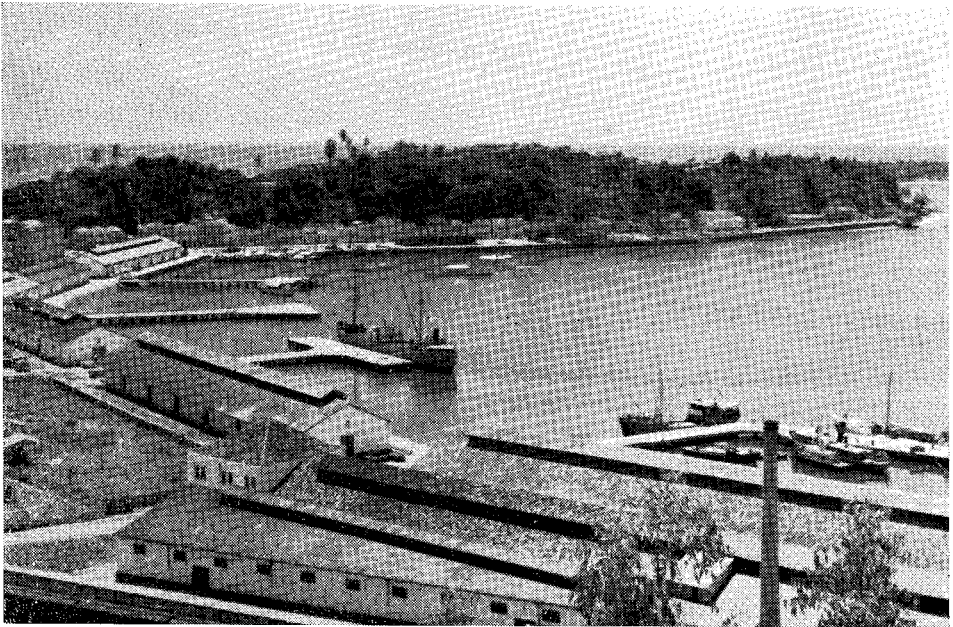


Fig. 23 — Aspecto parcial do pôrto de Ilhéus. A ausência de dragagem na barra de acesso e no canal navegável vem influenciando na diminuição do movimento de entradas de navios. Atualmente, os navios cargueiros são obrigados a esperar mercadoria fora do pôrto. Só os navios pequenos (denominados "iates") aí têm acesso. Cinco armazéns para mercadorias e um para inflamáveis e cinco pontes de acostagem, constituem as instalações do pôrto de Ilhéus.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Na situação presente, não há outro pôrto na zona cacaueira que possa equiparar-se com o de Ilhéus. O rio Cachoeira, após receber as águas do rio Engenho inflete-se para o norte dirigindo-se logo depois para o sul quando faz nova inflexão, desta vez para o norte, desembocando no mar. Naquela primeira inflexão, na margem côncava, estende-se o pôrto de Ilhéus. Situado em uma estreita baixada, apertada entre os morros do Pimentão e de São Sebastião, o pôrto de Ilhéus dispõe de dimensões reduzidas, com poucas possibilidades de aumento do cais acostável. Para remediar essa dificuldade, o pôrto dispõe de cinco pon-

tes, dispostas perpendicularmente à pista onde se acham os armazéns (figs. 23 e 24). Ao lado das condições do ancoradouro, o canal navegável varia de 3 a 8,2 metros de profundidade. Desaparelhado e desamparado no que diz respeito a trabalhos de dragagem, o pòrto de Ilhéus não pode corresponder satisfatoriamente ao escoamento da produção da zona cacauera e também ao abastecimento da mesma. As operações de embarque e o preço do cacau são, dessa

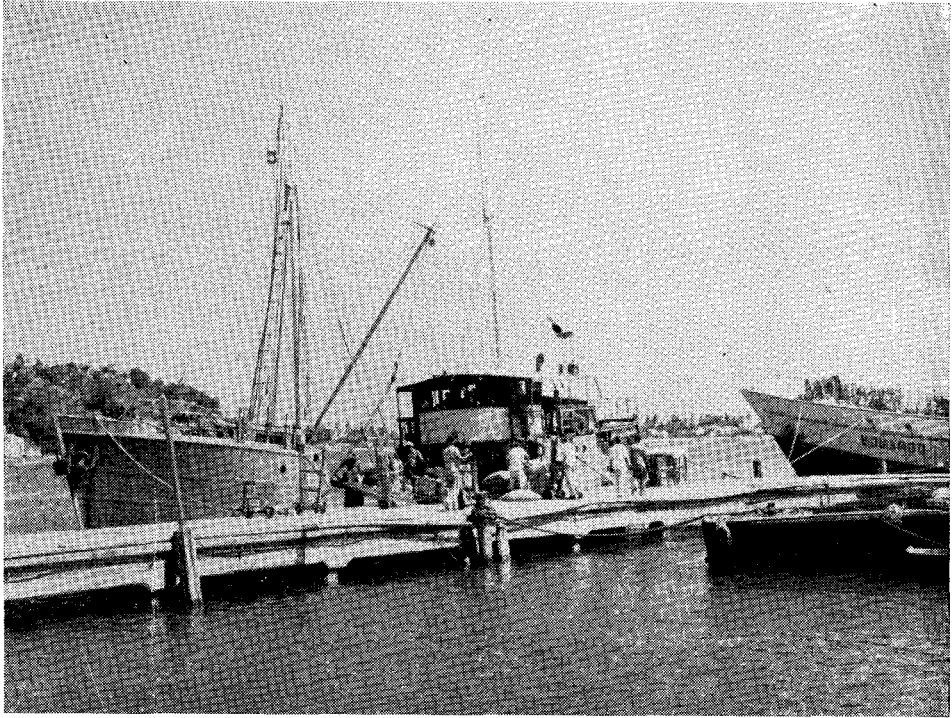


Fig. 24 — Pòrto de Ilhéus. “Iate” carregando cacau.










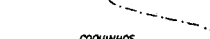
Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

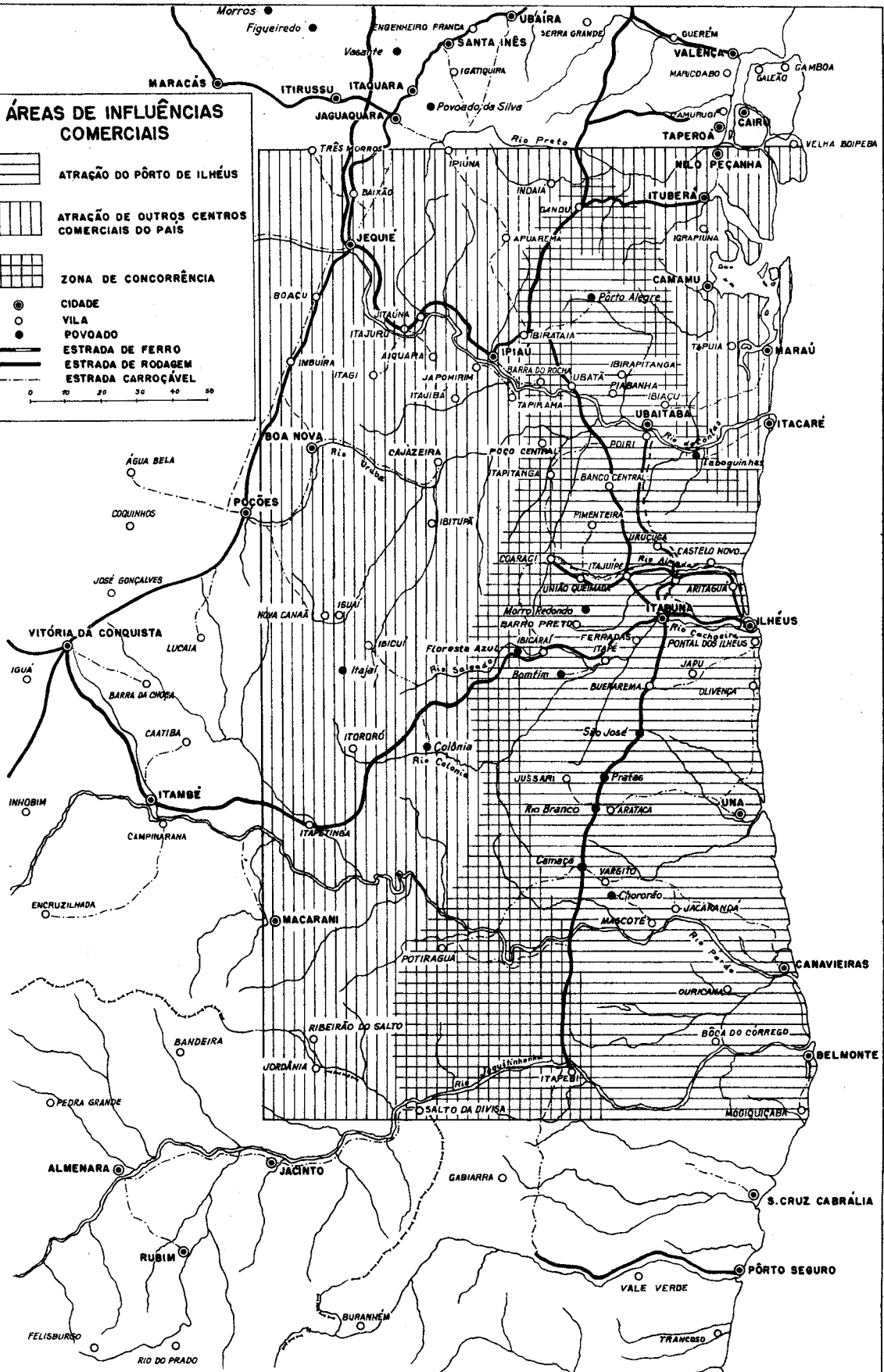
maneira, afetados, pois os navios cargueiros de exportação, de calado superior ao que permite o canal de acesso, são obrigados a aguardar em pleno oceano, as “alvarengas” que lhes entregam os sacos de cacau (fig. 25). Assim, além das capatazias e das taxas pagas pelo armador o cacau é ainda mais onerado pelo frete exigido pela companhia que explora o serviço de alvarengagem.

Lutando com tôdas essas dificuldades, o pòrto de Ilhéus ainda atrai grande parte da produção cacauera exportável. Os limites da sua zona de influência estendem-se, a *grosso modo*, desde Gandu até Itapebi, nas margens do Jequitinhonha. Em área, a zona dependente de Ilhéus, representa cêrca de 2/3 da zona cacauera.

Justapondo-se os mapas do “Uso da Terra” e das “Áreas de Influências Comerciais” verifica-se que a zona de concorrência de Ilhéus e outros centros de atração corresponde à chamada “zona mista”, de interêsses voltados tanto para a cultura cacauera quanto para a pecuária. Nessa concorrência sobressai mais o papel do gado no tocante à exportação da zona cacauera para as feiras de gado,

# ÁREAS DE INFLUÊNCIAS COMERCIAIS

 ATRAÇÃO DO PÔRTO DE ILHÉUS  
 ATRAÇÃO DE OUTROS CENTROS COMERCIAIS DO PAÍS  
 ZONA DE CONCORRÊNCIA  
 CIDADE  
 VILA  
 POVOADO  
 ESTRADA DE FERRO  
 ESTRADA DE RODAGEM  
 ESTRADA CARROÇÁVEL  
 0 10 20 30 40 50



que circundam a região em estudo. Quando nos referimos à importância da BA-2, realçamos o seu papel no deslocamento do gado, desde Itapebi até Feira de Sant'Ana.

Mais para o norte, a partir de Ubatã, a concorrência com o pôrto de Ilhéus é mais forte, contribuindo, nesse particular, o próprio cacau. Aí, o pôrto de Salvador drena grande parte da produção cacaueira através da BA-2 e dos portos de Itacaré, Maraú, Camamu e Ituberá, cada um dêles com um *hinterland* próprio. Ao lado da atração de Salvador, observa-se ainda a influência do sertão, em função da maior proximidade da rodovia Rio-Bahia e do importante centro de Jequié, passagem obrigatória do sertão para o litoral. A Rio-Bahia, no tocante ao cacau, só influi na exportação da produção do município de Jequié.

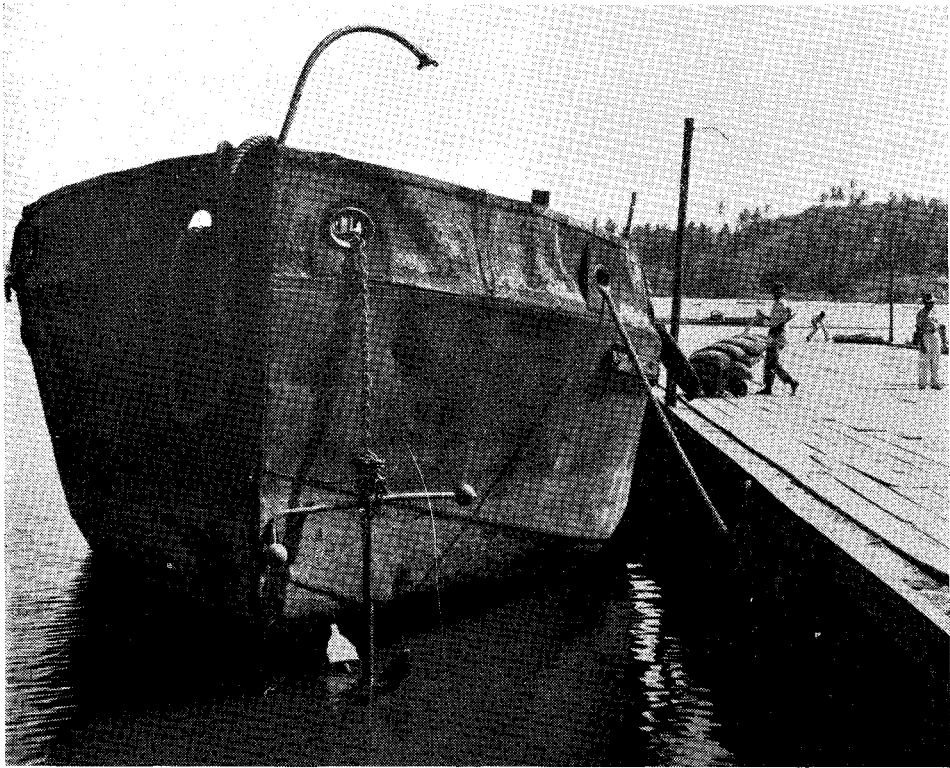


Fig. 25 — Pôrto de Ilhéus. Detalhe de uma "alvarenga". E' utilizada no transporte de cacau do pôrto para os navios cargueiros ancorados ao largo. Dessa maneira, contorna-se as dificuldades impostas pelo assoreamento no ancoradouro.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Circundando a zona de concorrência de Ilhéus e Salvador, verifica-se a atração ora de Salvador, isoladamente, como a que se dá de Itacaré para o norte, ora de outros centros através da Rio-Bahia, como Rio de Janeiro e São Paulo. Enquanto Rio de Janeiro e São Paulo são atraídos somente pelos produtos do sertão, Salvador preocupa-se com êsses e com o cacau, produzido na zona mista mais próxima.

Pelo exposto verifica-se que no tocante ao cacau, Ilhéus e Salvador são os únicos concorrentes. As tabelas seguintes dão idéia perfeita dessa concorrência:

## EXPORTAÇÃO DE CACAU EM AMÊNDOAS — UNIDADE: TONELADA \*

Ano	Exportação pelo pôrto de Ilhéus	%	Exportação pelo pôrto de Salvador
1935	19 941	18,3	88 496
1936	48 672	41,0	69 893
1937	41 630	41,4	61 330
1938	43 182	34,3	82 368
1939	34 612	26,6	93 973
1940	25 087	25,1	74 503
1941	33 330	25,5	97 042
1942	13 125	18,8	56 259
1943	11 103	9,9	100 464
1944	27 480	27,8	70 880
1945	41 500	53,2	38 342
1946	68 029	53,5	58 913
1947	59 756	62,6	35 640
1948	49 017	73,0	18 648
1949	100 817	78,8	26 937
1950	98 622	79,0	26 178
1951	71 261	80,3	17 386

\* Dados fornecidos pelo Serviço de Documentação e Informações do I.B.G.E.

As porcentagens obtidas evidenciam a posição predominante do pôrto de Ilhéus no movimento de exportação, a partir de 1945. Como vimos, quando descrevemos o sistema rodo-ferroviário da região, a supremacia de Ilhéus em face ao pôrto de Salvador, é uma consequência da relação entre o sistema de comunicações terrestres e a localização do pôrto. Antes de se chegar ao estágio atual das vias de comunicação, Salvador influenciava uma região maior que a que hoje se lhe subordina. No tocante ao abastecimento do mercado estrangeiro, Ilhéus dependia do pôrto de Salvador, pois não contava com instalações alfandegárias que lhe capacitassem a exportação sem escala na capital baiana. A essa causa acrescenta-se o período de entre guerra, quando o livre trânsito marítimo para Ilhéus não oferecia a segurança que as comunicações terrestres comportavam entre a zona cacauera e Salvador. Desaparecidas as duas causas, o pôrto de Ilhéus passou a demonstrar o valor da sua posição, diminuindo de muito, consequentemente, o movimento cacauero de Salvador.

### CONCLUSÕES

A região compreendida entre os municípios de Ituberá e Belmonte caracteriza-se pela monocultura do cacau. A existência de outras culturas, como a do café, a da mandioca, a do milho e a da seringueira, para citar as mais importantes entre as secundárias, e a criação de gado, não lhe tiram aquela feição econômica. Em tôrno das oscilações da produção cacauera gira tôda a vida social e econômica da região e as próprias culturas secundárias são decorrências da monocultura dominante. Aquelas ao se associarem ao cacauero garantiram a sua própria sobrevivência e deram origem a um tipo de "Uso da Terra". Ainda mais, o café e a seringueira, principalmente esta última, haveriam de sugerir, mais tarde, uma nova orientação agrícola, à maneira de tendência, que hoje se observa.



Nos últimos anos as oscilações da produção e da procura do cacau baiano vêm-se fazendo sentir com mais intensidade. A queda de produção, ano após ano, está provocando um certo desinterêsse pelo cacau. As pragas, as sêcas, o alto custo da produção, a dificuldade de colocação do produto nos mercados externos, conduzem a substituição de cacauais por cafézais e seringais. Apesar do fenômeno agir ainda em pequena escala é um indicador valioso da situação angustiosa em que se debate a cultura cacaueira.

O que se está passando em Una demonstra que os cacaucultores procuram dar novo rumo à agricultura. Neste município fundou-se uma sociedade anônima, denominada Empresa Policultora, nome que por si só fundamenta a tendência atual. Esta Empresa já possui 300 000 seringueiras plantadas e pretende plantar mais 16 000 pés, em terras onde o cacauai foi propositadamente derrubado para tal fim (figs. 26 e 27). Quando a produção atingir 600 toneladas a Empresa instalará uma fábrica para produzir a borracha laminada.

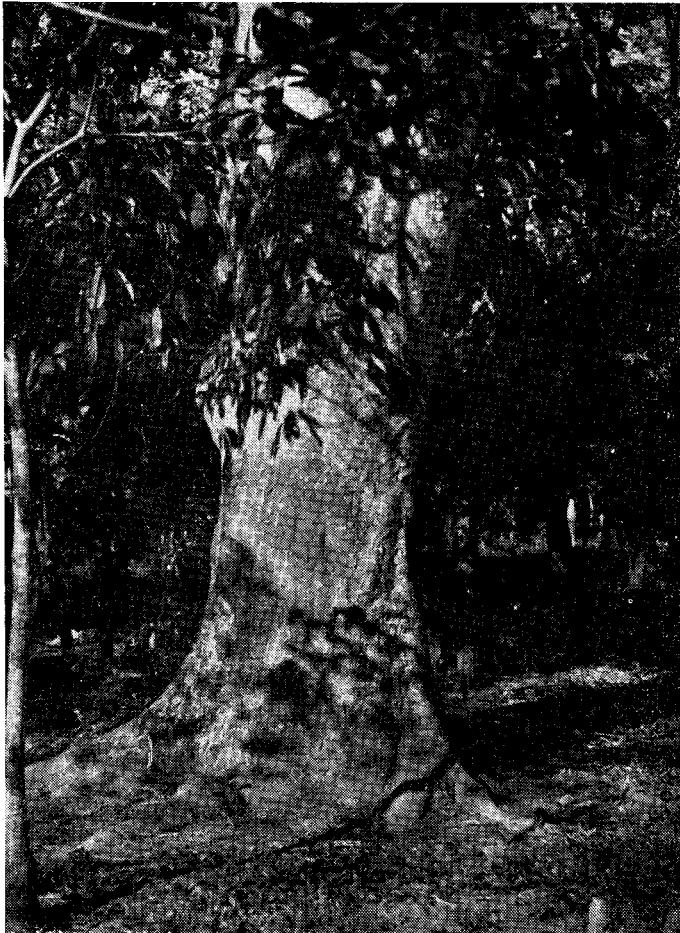


Fig. 26 — Una. Seringa mãe. Seringal de propriedade da Empresa Policultora. Ai se derrubou o cacauai para plantar a seringueira.  
Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Mais ao norte, no município de Ilhéus a industrialização do látex já é uma realidade. Ai, no distrito de Urucuca, processa-se a confecção de artefatos de borracha ao lado da cultura da seringueira.

Na parte agrícola, semelhante procedimento se observa em relação ao café e é o cacau que também lhe cede lugar.

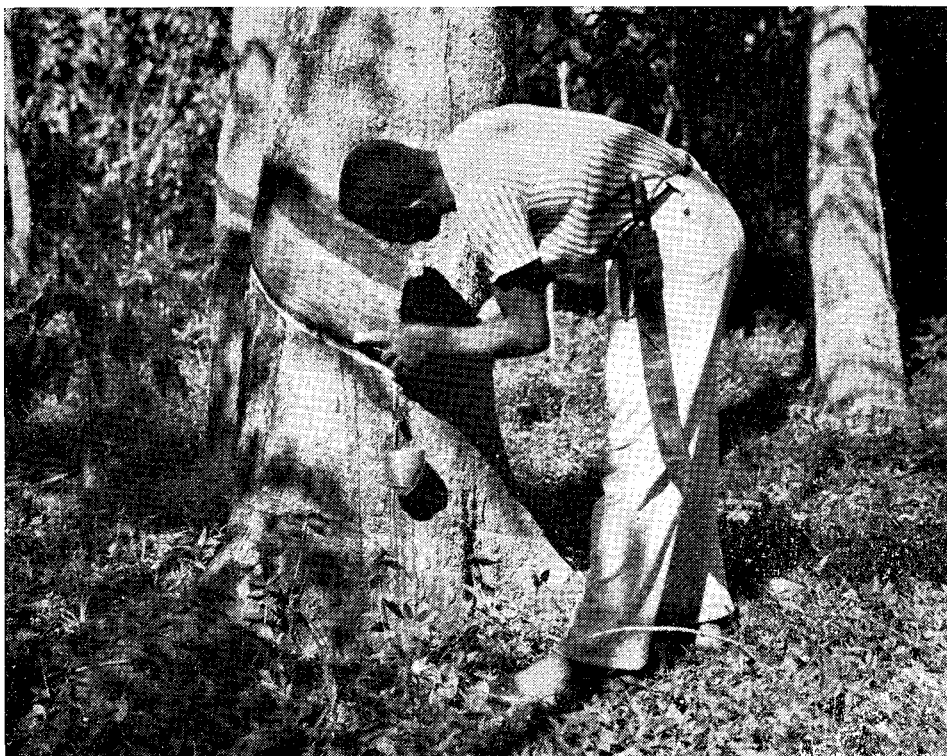


Fig. 27 — Una. Corte da seringueira com a faca malaia.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

Essas novas atividades agrícolas não são desconhecidas dos próprios governos. Na órbita federal, o Ministério da Agricultura mantém no município de Una dois campos para seringueiras (um de experimentação — fig. 28 — e outro de demonstração) e um núcleo colonial, onde os lotes de 25 e 35 ha serão entregues a lavradores para culturas de várias espécies. Ainda na esfera oficial, o Instituto de Cacau da Bahia, através da Estação Experimental de Uruçuca, estuda a introdução de culturas diversas na região, para evitar-lhe as desvantagens de um interesse agrícola monocultor. Se por um lado essa situação patenteia os recuos da cultura cacauzeira, por outro, em futuro próximo, ela beneficiará toda a região e seus habitantes.

Atualmente, o nível de vida do homem rural está na dependência quase total que o interesse por um só produto pode acarretar. Se a preocupação máxima tem sido a produção de cacau, os gêneros de primeira necessidade não encontram condições suficientes para o seu desenvolvimento. No sul a cultura em "mata brocada" opõe-se ao estabelecimento de culturas temporárias nas terras de cacau. No norte a produção da mandioca e da banana se vê sujeita ao tempo de crescimento do cacau<sup>26</sup>. Em consequência, as culturas temporá-

<sup>26</sup> Nos anos secos, quando a escassez de gêneros é maior e os preços sobem, planta-se a mandioca independente da cultura cacauzeira, — e muitas vezes derruba-se o cacaual seco — visando-se a elevados benefícios na especulação.

rias são insuficientes para o abastecimento da população, tanto em quantidade como em variedade. Assim, resta como único socorro a importação dos gêneros.

Os portos do cacau, com a exceção do de Ilhéus, também se encontram em estado insuficiente para o desempenho cabal de sua função. O de Ilhéus, apesar da falta de assistência técnica permanente, a dragagem principalmente, continua a apresentar um movimento de mercadorias sempre crescente. Não se justifica que o ancoradouro de Ilhéus tenha chegado a essa situação, quando sabemos que pela sua posição geográfica é o pôrto natural de grande parte do sul da Bahia. Os demais portos, ligados ao interior cacaueiro por meio de transportes morosos, caros e inseguros, na maioria dêles, não refletem mais o passado que viveram. De igual maneira vivem as suas cidades, que, a contragosto das populações interiores, ainda continuam a reger os seus destinos.



Fig. 28 — Una. Viveiro de seringueiras do Campo de Experimentação do Ministério da Agricultura.

Foto TOMAS SOMLO — C.N.G.

## BIBLIOGRAFIA

- MIRANDA, Sosthenes — “Sombreamento dos cacauais”. “Boletim Técnico” n.º 4. Instituto de Cacau da Bahia. Bahia — 1938.
- BONDAR, Gregório — “A cultura do cacau na Bahia”. “Boletim Técnico” n.º 1. Instituto de Cacau da Bahia. Bahia — 1938.
- BONDAR, Gregório — “Piaçaveira e Outras Palmeiras Attaleaneas na Bahia”. “Boletim n.º 13”. Instituto Central de Fomento Econômico da Bahia. Bahia — 1942.
- CALDEIRA, Clóvis — “Ilhéus, Centro Marítimo” — in “Observador Econômico e Financeiro”, n.º 109 — 1945.
- MACALHÃES, Basílio de — “Expansão Geográfica do Brasil Colonial”. 3.ª Edição. Epasa — Rio de Janeiro — 1944.

- MARTINS, Renato Gonçalves — “A Bonacha na Bahia” — in “Observador Econômico e Financeiro” — 1951
- ALMEIDA, Rômulo de — “Tiaços da História Econômica da Bahia” — in “Observador Econômico e Financeiro”, n° 169 — 1950
- “O BRASIL CACAUEIRO” — Ano I, n° 1 Bahia — 1923
- QUEIRÓS, Eunápio Peltier de — “Problemas Econômicos de Ilhéus no Plano da Administração Federal” Imprensa Nacional Rio de Janeiro — 1950
- MAXIMILIANO (Príncipe Wied — Neuwied) — Viagem ao Brasil (nos anos de 1815 a 1817) “Brasiliana” Companhia Editôra Nacional Rio de Janeiro
- AMARAL, Luís — “História Geral da Agricultura Brasileira” “Brasiliana” Companhia Editôra Nacional Rio de Janeiro
- MONBEIG, Pierre — “Ensaio de Geografia Humana do Brasil” Livraria Martins São Paulo — 1940
- DENIS, Pierre — “Amérique du Sud” — Tome XV 1ère Partie “Géographie Universelle” Paris — 1927
- HARTT, Charles Frederick — “Geologia e Geografia Física do Brasil” “Brasiliana” Companhia Editôra Nacional Rio de Janeiro — 1941.
- GUERRA, Inês Amélia Leal Teixeira — “O Cacau na Bahia” — in “Revista Brasileira de Geografia”, ano XIV, n° 1, 1952 — C N G — Rio de Janeiro
- EGLER, Walter — “Aspectos Gerais da Cultura do Cacau nos Municípios de Ilhéus e Itabuna” Relatório inédito — C N G 1950
- LEONARDOS, Othon H e OLIVEIRA, Avelino I de — “Geologia do Brasil” 2ª Edição 1943
- SANTOS, Milton — “Uma cidade apenas”, artigo publicado in “A Tarde”, de 25 de março de 1953 — Salvador — Bahia
- BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti — “Clima do Estado da Bahia”, in “Boletim Geográfico”, n° 110, C N G — 1952
- BARROS, Linton Ferreira — “Contribuição ao Estudo das Massas de Ar da Bacia do São Francisco”, anexo ao “Relatório sobre o Vale do São Francisco — Contribuição à sua Geomorfologia” ALFREDO JOSÉ PORTO DOMINGUES Divisão de Geografia — C N G — 1953.

---

#### RÉSUMÉ

L'auteur, Professeur CARLOS DE CASTRO BOTELHO, commence son article en énumérant les facteurs physiques qui déterminent l'économie régionale. Dans la première partie de son travail il met en évidence les relations qui existent entre le milieu physique et les trois zones économiques qui forment la région étudiée: la zone de l'extraction végétale, celle du cacao proprement dite et celle de transition ou mixte, comme elle est appelée localement (culture du cacao et élevage).

Dans la première zone, prédominent les “tabuleiros” qui sont constitués par des stratifications sub-horizontales de terrains siliceux ou silico argileux. On y plante, principalement, du manioc et on y fait l'extraction des fibres de la piaçava et de l'huile de la noix de coco appelée “dendê”. Ces deux plantes représentent la richesse de cette zone.

Les conditions de la zone suivante sont très différentes. Le climat humide et chaud, avec des pluies distribuées à travers tous les mois de l'année, le forêt atlantique, qui occupe encore un peu plus de la moitié de la zone étudiée, de sol humeux et substratum argileux sont les facteurs qui possibilisent la culture du cacaoier.

Dans la dernière zone, celle de la transition, les larges vallées dont les fonds sont plats et recouverts par une fine couche d'alluvions, recouvrent des couches granitiques ou de gneiss. Comme dans cette zone il n'existe pas de sol profond, la culture du cacaoier est impossible, car elle n'est possible que sur les versants de forte inclinaison, revêtus de forêts.

Dans le chapitre suivant, “L'occupation humaine et ses caractéristiques”, l'auteur montre comment s'est réalisé le peuplement de cette région depuis les temps coloniaux jusqu'aux dernières années du siècle XIX et commencement du XXème. C'est à partir de 1890, que cette région de l'état de Bahia commença à être recherchée par l'homme, ou il s'adonne au défrichement et à l'occupation de la terre, grâce aux conditions offertes par le milieu physique ainsi qu'à la demande toujours croissante du cacao par les marchés de l'Europe.

Ensuite, ont été étudiés, les causes du “Croissement et Distribution de la Population”. Les facteurs qui ont influencé d'avantage sur ce point, ont été la constante augmentation des nécessités en cacao par les centres européens et les possibilités offertes par la nature du terrain.

L'auteur indique plus loin les facteurs qui ont contribué à la distribution: comme la nature du sol et les voies de communications. On vérifie, en effet, sur les cartes, qu'au long des routes se trouve une nombreuse population et que l'intérieur abrite une population rurale plus grande que le littoral. Là se trouvent les plantations de cacao et les cultures mixtes, tandis que près du littoral l'activité économique réfléchit l'extraction des fibres et la cueillette de la noix de coco appelé “dendê”.

Plusieurs types humains exercent leur activité dans le cadre rural de la culture du cacao: le “fazendeiro”, l'administrateur, le contractant, le fait-tout et le “tropicero” (transporteur utilisant une troupe de mulets) — ayant chacun une activité spécifique et un niveau de vie particulier. De tous ceux qui travaillent dans la “fazenda” de cacao, le “fazendeiro” est le seul qui possède une propriété. Et, l'on fait la distinction entre: le petit, le moyen et le grand propriétaire. Des trois, seul le petit propriétaire s'adonne exclusivement aux travaux de la “fazenda”.

Les deux autres, très rarement résident dans la propriété, laquelle est confiée à l'administrateur, son représentant dans da "fazenda" et son trait de liaison avec le cacao

Sous les ordres de l'administrateur travaillent le contratant, le "tropicero" et le fait-tout Le premier fait le contrat de la plantation et les soins avec la culture du cacao jusque'elle atende la cinquième année Le "tropicero", relegué actuellement à un plan secondaire, prend à sa charge de faire le transport des sémences du cacao jusqu'aux cuves de fermentation et de là jusqu'au camion Finalement, le fait-tout exécute tous les travaux depuis la cueillette jusqu'à la mise en sac

L'auteur étudie ensuite, les "Types d'utilisation du sol dans la Zone du Cacao" Il montre dans ce chapitre trois types d'utilisation du sol: le cacao associé à d'autres cultures, la culture du cacao dans la forêt et la formation de pâturages

Dans le premier cas, le cultivateur coupe la forêt, elle est rarement brûlée

Le manioc, le bananier et le maïs garantissent l'ombrage que nécessite le cacaoyer Cet ombrage provisoire est substitué par des arbres qui sont: ou bien plantées, ou bien par celles qui poussent spontanément

Dans le deuxième cas, on ne coupe pas complètement la forêt, on ne fait qu'un défrichement partiel

La formation de pâturages apparaît dans la zone de transition Pour former un pâturage la forêt est coupée, on la brûle et, ensuite, on sème le gazon, de préférence le "toujours vert" ou le "colonião" Le pâturage est brûlé toutes les années, pour renouveler le gazon

L'analyse des "Voies de Communication et les "Moyens de Transport" est faite par l'auteur dans le dernier chapitre. Il y traite de "L'Evolution et des Aspects Actuels", de la "Concurrence des Transports" et finit en traitant des "Ports du Cacao"

Parmi les aspects actuels, l'auteur met en évidence de rôle joué par la route BA2: elle garantit une grande partie de la circulation générale; et comme elle se trouve près du littoral, elle exerce une influence sur l'économie des villes du littoral et provoque une condensation de la population Il montre que les anciens moyens de transport comme — le canot et l'animal de trait sont encore utilisés pour aider l'écoulement de la production

En traitant de l'évolution des voies de communication, l'auteur met en évidence deux faits: l'installation du chemin-de-fer Ilhéus-Conquista en 1910, et la fondation de l'Institut du Cacao, en 1931

Le transport par chemin-der-fer a diminué le rôle des rivières Plus tard, en 1931, le chemin-de-fer a commencé, peu à peu, à être devancé par les routes construites par l'Institut du Cacao de Bahia

Les ports du cacao situés au nord et au sud de Ilhéus exercent, en raison de plusieurs causes, un rôle secondaire Le plus important, celui d'Ilhéus, se trouve être sans appui L'obstruction du canal navigable et de la barie empêchent son utilisation intégrale, ce qui oblige à recourir aux petits bateaux appelés "alvarengas", lesquels transportent le cacao du port jusqu'aux bateaux amarrés au large, en haute mer

Le port d'Ilhéus a une influence sur presque toute la zone, vu qu'il exporte 2/3 de la production du cacao Mais dans la région péripérique de son influence commerciale, le port d'Ilhéus entre en concurrence avec celui de Salvador et avec la route Rio-Bahia, non seulement relativement au cacao (avec Salvador) mais en relation à d'autres produits (Rio-Bahia et Salvador)

L'auteur, en finissant, met en évidence les faits suivants: jusqu'à ce moment, la production du cacao supplante toutes les autres activités; les plantations de café, du manioc, du maïs et de l'arbre-à-caoutchouc dépendent le plus souvent du cacao; les oscillations de la production et de la demande du cacao de Bahia provoquent un certain manque d'intérêt et certaines initiatives particulières et officielles indiquent qu'il existe une nouvelle orientation en marche dans l'agriculture En effet, la création d'une entreprise visant la polyculture, l'augmentation de l'aire cultivée avec du café et de l'arbre-à-caoutchouc indiquent une tendance vers la polyculture sans se soumettre à la culture du cacao

## RESUMEN

El profesor CARLOS DE CASTRO BOTELHO, autor de este trabajo, apunta primeramente los factores físicos que condicionan la economía regional Resalta las relaciones existentes entre el medio físico y las tres fajas económicas en que puede ser dividida la región estudiada: una faja de "extrativismo" vegetal, otra de cacao propiamente dicha y, finalmente, una tercera de transición o mixta, según la designación local, comprendiendo el cultivo de cacao y ganadería

Bajo el título "La ocupación humana y sus características", estudia el poblamiento de la región a partir de la época colonial hasta los últimos años del siglo XIX y comienzos del actual Aborda también las causas del aumento y distribución de la población, destacando la fuerte influencia del frecuente aumento de las necesidades de cacao en los centros europeos, las posibilidades de la tierra, la naturaleza del suelo y las vías de comunicaciones

Describe después los tipos humanos vinculados al cultivo del cacao, como sean: el hacendero, el administrador, el "contratista", el destajero y el "tropicero", con sus actividades específicas y nivel de vida particular

Describe también los tipos de uso de la tierra en la zona de cacao, distinguiendo los tres siguientes: la asociación del cacao a otras especies vegetales, el cultivo del cacao en mata "brocada" (arrazada parcialmente) y la formación de pasturas

El autor dedica la última parte de su trabajo al estudio de las vías de comunicaciones y los medios de transportes, su evolución y aspectos actuales, concurrencia de los transportes y puertos de cacao

Destaca el papel que juega la auto-vía BA-2 en la economía de las ciudades del litoral y en la población local

La evolución de las vías de comunicaciones sufre la influencia de dos factos: la construcción del ferrocarril Ilhéus-Conquista (1910) y la fundación del Instituto de Cacao de la Bahia (1931)

Los puertos del cacao situados al nord y al sur de Ilhéus tienen una importancia secundaria

El puerto de Ilhéus influye en casi toda la zona, exportando 2/3 de la producción del cacao

En conclusión, el autor afirma que hasta el presente momento la producción de cacao supera todas las otras actividades Afirma también que las plantaciones de café, manioca, maíz y "seringueira" dependen del cacao Efectivamente las oscilaciones del mercado del cacao de Bahia suscitan muy poco interés y las iniciativas particulares y oficiales muestran la tendencia para la policultura

## SUMMARY

The author, professor CARLOS DE CASTRO BOTELHO, begins his article by presenting the physical agents which condition the regional economy. In the first part of his work he emphasizes the relation between the physical environment and the three economical belts in which the zone that is being studied may be divided: the belt of vegetal extractivism, the cocoa tree itself, and that of transition or mixed, as it is locally called (cultivation of the cocoa tree and cattle raising).

In the first belt the "tabuleiros" predominate, being composed of sub horizontal strata and silicious material or clay and silica. In it the manioc crop, the extraction of fibers of the piaçava palm, and of the dendê oil palm predominate. The richness of this belt is found in the piaçava palm and in the dendê oil palm.

In the next belt the conditions are very different. The conditioning agents of the cocoa tree are the moist and warm climate with rain-falls every month, the atlantic forest which still occupies a little more than half of the region being studied, the humid soil, and the clay substrata.

In the last, the transitional one, the flat bottom wide valleys covered with a thin aluvial layer, are in great part covering granite or gneiss flag. There, the absence of a deep soil does not allow the cultivation of the cocoa tree which is possible only at the water course of steep slopes, coated by forest.

In the next chapter, "The Human Pursuit and its Characteristics" the author shows how the population of the region was begun from colonial time to the last years of the 19th century and beginnings of the 20th. From 1890 this baiana region begins to be sought by man who then gives himself to clearing it and to dwell in it thanks to conditions offered by the physical environment and also to a greater demand of cocoa by European markets.

He discusses next the causes of the "Growth and Distribution of the Population". The factors that influenced this most, were the constant increase of the demands of cocoa in European centers and the possibilities offered by the land. He then points out the factors of distribution that are the nature of the soil and means of communication. In fact, in the specific map one verifies that along the highways a large population is concentrated and that the interior shelters a rural population larger than that of the coast. There, are found the cocoa and mixed farms, while near the coast the economic activity is reflected in the extraction of fibers and of "cocos de dendê".

In the rural picture of the cocoa one finds a series of human types: the farmer, the administrator, the contractor, the jobber, and the trooper, each one with a specific activity and with a certain level of personal living. Of all the ones who work at the cocoa farm, the farmer is the only one who possesses land. In this category is found the small, the average, and the large owner. Of the three, the small farmer is the only one who gives himself entirely to the work at the farm. The other two seldom live at the plantation, leaving it to his administrator who is his representative at the farm and who is his bond with cocoa.

The contractor, the trooper and the jobber work under the administrator's orders. The first one contracts the planting and the care of the cocoa plantation until the fifth year. The trooper, who today has a secondary place, has the job of carrying the cocoa grains to the fermentation casks and from there to the truck. The jobber does everything from the harvesting to the packing of cocoa.

The author then discusses the "Types of Land Use in the Area of Cocoa tree". In this chapter he shows the existence of three types of land use: the cocoa tree associated with other crops, the cultivation of cocoa in a partially cleared forest and the development of pastures.

In the first type the plougher clears the forest, seldom burning it. The manioc, the banana tree and corn provide the shade required by the cocoa tree. Later on this temporary shading is substituted by planted species or by trees which grow spontaneously.

In the second type, the forest is not completely cleared; it is only partially cleared.

The development of pastures occurs in the transitional belt. To develop a pasture, the forest is cleared and burned and later on grass is sowed, preferably the evergreen or the "colonião". There are annual burnings to restore the pastures.

As the last chapter the author analyzes the "Means of Communication and Transportation". Here he deals with "Evolution and Actual Aspects", with "Competition of Transportation" and finally with "Cocoa Ports".

Among the actual aspects he emphasizes the role of the BA-2 road; it provides a great part of the general circulation. Being near to the coast, it influences the economy of the coastal cities and functions as a condenser of population. In this part he shows that the old means of transportation: the canoe and the animal are still called upon to cooperate with the drainage of production.

When he deals with the evolution of means of communication he brings out two facts: the casting of the rails of the Estrada de Ferro Ilhéus-Conquista (1910) and the founding of the Instituto do Cacau da Bahia (1931). The transportation by railroad lessened the importance of the rivers. Later, in 1931, the railroad began, little by little, to be disregarded on account of the highways built by the Instituto de Cacau da Bahia.

For a number of reasons the cocoa ports located north and south of Ilhéus, have a secondary role. The most important, that of Ilhéus, is neglected.

The obstruction of the canal which is navigable and of the river mouth, makes it impossible to take total advantage of it, which makes obligatory the use of the "alvarengas" to carry the cocoa from port to the ships anchored out on high sea.

The Ilhéus port influences almost the total area, exporting 2/3 of the cocoa production. In the periphery of its area of commercial influence, the Ilhéus port competes with Salvador and with the attraction of the Rio-Bahia highway not only with respect to cocoa (with Salvador) but also in connection with other products (Rio-Bahia and Salvador).

The author concludes by pointing out the following facts: to the present, the production of cocoa surpasses all other activity; coffee, manioc, corn, and rubber are frequently dependent of cocoa; the fluctuation of production and demand of baiano cocoa creates a lack of interest and some private and official enterprises are showing a new trend in agriculture. In fact, the founding of a "Empresa Policultora", the increase of the cultivated coffee and rubber tree area indicate, a tendency to a mixed agriculture not dependent on the cocoa crop.

## ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser Prof. CARLOS DE CASTRO BOTELHO beginnt seine Abhandlung mit einer Beschreibung der physischen Verhältnisse die die regionale Wirtschaft bedingen. Im ersten Teil betont er die Verhältnisse zwischen der Naturlandschaft und die drei wirtschaftlichen Bezirke in denen das betrachtete Gebiet unterteilt werden kann: das Extraktivismus-Bezirk; das Bezirk der

eigentlichen Kakau-Wirtschaft und ein Transitionsbezirk, wie es lokal bezeichnet wird (Kakaukultur und Viehzucht).

Im ersten Bezirk sind die "tabuleiros", subhorizontale Sedimente aus Sand oder Tonsandige Ablagerungen bestehend vorwiegend. Hier ist die Maniok-kultur vorwiegend wie auch der Extraktivismus von Fassern der *Piçava*-Palme und die Nüsse der Ölpalme "dendé". Aus diesen Palmen besteht das Reichtum dieses Gebietes.

Im folgenden Bezirk sind die natürlichen Bedingungen sehr verschieden. Das feuchte und warme Klima, die durch alle Monate verteilte Niederschläge, der atlantische Regenwald der noch ungefähr die Hälfte des ganzen Gebietes bedeckt, der humusreiche Boden und das tonhaltige Substratum, sind die der Kakauanbau bedingenden Faktoren.

Im letzten Bezirk, in Transition, bestehen breite Täler mit ebener Talsohle in denen eine dünne aluviale Schicht, granitische und gneissige Gesteine bedecken. Da keine tiefe Böden vorhanden sind bestehen keine Möglichkeiten des Kakauanbaues und dieser wird nur in den steilen mit Wald bedeckten Hängen angetroffen.

"Die Besiedlung und ihre Merkmale" ist das folgende Kapitel in dem der Verfasser den Gang der Besiedlung in diesen Gebiet, von den kolonialen Zeiten bis zu den letzten Jahren des 19. Jahrhunderts und ersten Jahrzehnten des laufenden Jahrhunderts beschreibt. Von 1890 ab wurde dieses Gebiet von Menschen aufgesucht der die Waldrodung und Landbenutzung ansetzte.

Weiter betrachtet der Verfasser die Ursachen des "Aufwuchses und Verteilung der Bevölkerung". Die Faktoren die hier den grössten Einfluss hatten waren die steigende Aufforderung an Kakau in den europäischen Märkten und die günstigen natürlichen Verhältnisse die zur Kakaukultur in diesen Gebiet vorstanden. In Fortsetzung duetet Er als die wichtigsten Faktoren zur Verteilung der Bevölkerung die Bodenverhältnisse und die Verkehrsbedingungen an. An der Karte kann man feststellen dass längs der Landstrassen eine Zahlreiche Bevölkerung vorhanden ist und dass das Hinterland eine dichtere Landbevölkerung als das Küstengebiet andeutet. Dort sind die Kakauplantagen vorwiegend während an der Annähe der Küste die wirtschaftliche Betätigung sich die Fassern und "Ölnüsse Sammelwirtschaft beschränkt.

Die Kakaulandschaft bietet eine Reihe menschlicher Typen dar: der Landbesitzer, der Verwalter, der "contratista", der "empreiteiro" und der Eseltruppleiter, jeder mit einer bestimmten Aktivität und einen entsprechenden Lebensstandard. Von allen die sich auf der Kakauplantage betätigen ist der Besitzer der einzige der eigenes Land besitzt. Es sind zu unterscheiden der grosse, der mittlere und der kleine Besitzer. Von den drei ist der kleine Besitzer der einzige der sich ausschliesslich mit seinem Betrieb betätigt. Die anderen beide sind nur selten auf ihren Besitz Wohnhaft und lassen den ganzen Betrieb meistens in Händen des Verwalters.

Unter der Leitung des Verwalters arbeiten der "contratista", der Eseltruppleiter und der "empreiteiro". Der erste unternimmt die Anpflanzung und die Pflege der Kakaupflanzung bis zum fünften Jahr. Der Eseltruppleiter der heutzutage nicht die selbe Wichtigkeit wie in vergangenen Zeiten ausübt, transportiert die Kakaurüchte zu den Gährungsanstalten und von dort an die Fahrstrassen wo er von den Frachtwagen aufgefasst wird. Endlich, macht der "empreiteiro" die ganze Arbeit von der Ernte bis zu der Einsäckung der Kakaunüsse.

Weiter werden die "Landbenutzungstypen im Kakaugebiet" untersucht. In diesem Kapitel unterscheidet der Verfasser drei verschiedene Betriebsformen der Landbenutzung: Kakau mit Anbau anderer Zwischenkulturen, Kakauanbau im halbausgerodeten Urwald und die Anpflanzung von Weiden.

Im ersten Fall wird der Wald gerodet und selten angefeuert. Maniok, Bananen und Mais geben den zum Kakau nötlichen Schatten. Später werden diese provisorischen Schattenpflanzen durch extra angepflanzte oder durch exponant erschienene Bäume ersetzt.

Im zweiten Fall wird der Wald nicht ganz niedergeschlagen sondern nur gelichtet.

Der Anbau künstlicher Weiden ist eine Erscheinung des Transitionsbezirkes. Um die Weide anzusetzen wird der Wald gerodet und abgebrannt und nachdem das Grass ausgesät. Jährlich werden die Weiden zu ihrer wiederherstellung abgebrannt.

Als letztes Kapitel unternimmt der Verfasser die Untersuchung der "Verkehrs und Transportverhältnisse". Hier beteiligt Er sich mit der "Entwicklung und heutigen Zustand", Konkurrenz der Transporte unter sich" und, endlich, der "Kakauexporthafen".

Was den heutigen Zustand antrifft betont Er den Einfluss der neuen Landstrasse BA-2 die die Hauptverbindung darstellt. Primitive Transportverhältnisse wie Flussverkehr mit Bote und Eseltrupp werden aber immer noch als Hilfsmittel beigerufen.

Bei der Betrachtung der Entwicklung der Verkehrsverhältnisse betont der Verfasser zwei Sachen: den Bau der Eisenbahn Ilhéus-Conquista (1910) und die Gründung des Instituto de Cacau da Bahia (1931). Der Eisenbahntransport beschränkte deutlich die Wichtigkeit der Flüsse als Verkehrsmittel. Später, um 1931, wurde ebenfalls die Eisenbahn durch die Landstrassen die das Instituto de Cacau da Bahia baute zurückgestellt.

Die Exporthafen die nördlich und südlich von Ilhéus liegen spielen durch verschieden Ursachen eine nur sekundäre Rolle. Selbst der wichtigste Hafen, Ilhéus lässt zu Wünschen. Die Einfahrt der Bucht ist für grosse Schiffe unfahrbar und der Kakau wird durch flache Bote, die sogenannten "alvarengas" an Bord der ausserhalb geankerten Schiffe gebracht.

Der Hafen von Ilhéus hat einen grosses Einfluss auf das ganze Gebiet und umfasst 2/3 der gesamten Kakauexportation. Am Randgebiet seines Handeleinflussbezirkes konkurriert der Hafen von Ilhéus mit dem von Salvador und mit der Anziehungskraft der Rio-Bahia Fahrstrasse, nicht nur was dem Kakauexportation (mit Salvador) aber auch von anderen Produkten (Rio-Bahia und Salvador).

Der Verfasser beendet seine Abhandlung mit folgenden Betrachtungen: die Kakauwirtschaft überragt alle andere Aktivitäten; die Kaffee, Maniok, Mais und Gummibaum Pflanzungen stehen meistens in Zusammenhang mit dem Kakauanbau; die Schwankungen der Produktion und Aufsuche der Weltmärkte verursachen eine bestimmten Rückgang dieser Plantagewirtschaft und einige partikuläre und offizielle Unternehmungen deuten einen neuen Weg der Landwirtschaft an. In dieser Hinsicht zeigt die Anwendung von Betriebsysteme auf Grund der Polykultur, mit einer Ausdehnung der mit Kaffee und Gummibaum angebauten Flächen, eine Tendenz zur landwirtschaftlichen Mannigfaltigkeit, ohne der Plantagewirtschaft so streng untergeordnet zu sein.

## RESUMO

La aŭtoro, Prof. CARLOS DE CASTRO BOTELHO, komencas sian artikolon montrante la fizikajn faktorojn, kiuj kondiĉigas la regionan ekonomion. En la unua parto de la verkaĵo li reliefigas la rilatojn inter la fizika medio kaj la tri ekonomiaj strioj, en kiuj povas esti dividata la studata zono: la strio de la vegeta ekstraktismo, la kakaŭarba ĝuste nomita kaj la transira aŭ miksitaj, kiel ĝi estas loka nomata (kakaŭarba kulturo kaj brutarbredado).

En la unua strio superregas la *tabuleiros* konsistigitaj de subhorizontalaj tavoloj kaj silikeca aŭ silika-argileca materialo. En ĝi superregas la plantado de la manioko precipe, kaj la ekstraktado de la fibroj de la *piacava*-arbo kaj de la kokoso de la *dendé-arbo*. Sur tiuj du palmarboj — *piacava*-arbo kaj *dendé-arbo* — kuŝas la riĉeco de tiu atrio.

En la sekvanta strio la kondiĉoj estas tre malsamaj. Kun malseka kaj varma klimato, kun pluvoj distribuataj inter ĉiuj monatoj, la atlantika arbaro, kiu ankoraŭ okupas malmulte pli ol la duono de la studata regione, la humplena grundo kaj la argileca substrato estas la faktoroj kondiĉantaj la kakatiarbon.

En la lasta strio, la transira, la larĝaj valoj kun plata fundo estas kovritaj de maldika tavolo el aluvio, grandparte kaŝanta granitajn aŭ gnejsajn ŝtonplatarojn.

La neekzistado tie de profunda grundo ne ebligas la plantadon de la kakaŭarbo, kiu estas ebla nur sur la flankoj de fortaj deklivoj, kovritaj de arbaroj.

En la sekvanta ĉapitro, "La Homa Okupado kaj Ĝiaj Karakterizaĵoj", la aŭtoro montras, kiel okazis la loĝatigo de la regiono ekde la koloniaj tempoj ĝis la lastaj jaroj de la XIX-a jarcento kaj komenco de la nuna. Nur de post 1890 tiu regiono de Bahia komencas esti serĉata de la homo, kiu tie sin donas al la malsovaĝigo kaj okupado de la tero, dank'al la kondiĉoj prezentataj de la fizika medio kaj ankaŭ al pli granda demando de la kakao fare de la eŭropaj merkatoj.

Poste la aŭtoro traktas la kaŭzojn de la "Kreskado kaj Distribuo de la Loĝantaro". La faktoroj, kiuj plej influis en tiu afero, estis la konstanta pligrandigo de la bezonoj pri kakao en la eŭropaj landoj kaj la eblecoj prezentataj de la tero. Sekve li indikas la faktorojn de la distribuo, kiaj la karaktero de la grundo kaj la komunikvojoj. Fakte sur la specifa mapo oni konstata, ke laŭlonge de la ŝoseoj koncentriĝas granda loĝantaro kaj ke la internlando enhavas kamparan loĝantaron pli grandan ol la marbordo. Tie estas la farmbienoj de kakao kaj la miksitaj, dum proksime de la marbordo la ekonomia aktiveco montriĝas en la ekstraktado de la fibroj kaj de *dendé*-kokosoj.

En la kampara kadro de la kakao troviĝas serio de homaj tipoj: la farmisto, la administranto, la kontraktisto, la entreprenisto kaj la brutarkondukisto — ĉiu kun specifa aktiveco kaj speciala vivnivelo. El ĉiuj, kiuj laboradas en la farmbieno de kakao, la farmisto estas la sola, kiu posedas teron. En tiu kategorio troviĝas la malgranda, la meza kaj la granda proprulo. El la tri la malgranda estas la sola, kiu sin dediĉas nur al la laboroj de la farmbieno. La du aliaj malofte loĝas en la propraĵo: ili ĝin forlasas al la administranto, sia reprezentanto en la farmbieno kaj sia ligilo kun la kakao.

Sub la ordonoj de la administranto laboras la kontraktisto, la brutarkondukisto kaj la entreprenisto. La unua kontraktas la plantadon kaj la zorgojn kun la kakaarbo ĝis la kvina jaro. La brutarkondukisto, hodiaŭ lokita sur flankan planon, prenas sin la portadon de la kakaberoj al la fermentaj pletoj kaj de tie al la ŝarĝveturilo. Fine, la entreprenisto faras ĉiujn servojn ekde la rikolto ĝis la ensakigo de la kakao.

Sekve la aŭtoro studas la demandon "Tipoj de Uzado de la Tero en la Kakao Zono". En tiu ĉapitro li montras la ekziston de tri tipoj de uzado de la tero: la kakaarbo asociita al aliaj kulturoj, la kakakulturo en "borita" arbaro kaj la formado de paŝtejoj.

En la unua tipo la kulturisto dehakas la arbaron, sed la brulado estas malofte. La manioko, la bananarbo kaj la maizo certigas la ombbron postulatan de la kakaarbo. Poste tiu ombrigo estas anstataŭigita de plantitaj arboj aŭ de artoj, kiuj ekkreskas spontanee.

En la dua tipo oni ne dehakas komplete, oni "boras", tio estas, oni dehakas la arbaron parte.

La formado de paŝtejo okazas en la transira strio. Por formi la paŝtejon la arbaro estas dehakita kaj bruligita, kaj poste oni semas la brutaroheron, prefere la *sempre-verde* (ĉiam verda) aŭ la *colonião*. La bruladoj sin intersekvas jare por la rebonstatigo de la paŝtejo.

Kiel lasta ĉapitro la aŭtoro restas en la analizo de la "Komunikvojoj kaj Transportiloj". Tie li traktas pri la "evoluo kaj Aktualaj Aspektoj", pri la "Konkurenco de la Transportoj" kaj fine pri "La havenoj de la Kakao".

Inter la aktualaj aspektoj li substrekas la rolon ludatan de la ŝoseo BA-2: ĝi certigas grandan parton de la ĝenerala ĉirklado: tre proksima al la marbordo, ĝi efikas sur la ekonomion de la marbordaj urboj kaj funkcias kiel densigilo de loĝantaro. Ankoraŭ en tio parto li montras, ke la antikvaj transportiloj — la kanoto kaj la ŝarĝbesto — estas ankoraŭ vokataj kunlabori al la defluo de la produktaro.

Kiam li ekstraktas la evoluon de la komunikvojoj, li reliefigas du faktojn: la metadon de la reloj de la Fervojo Ilhéus-Conquista (1910) kaj la fondo de Instituto de Kakao de Bahia (1931). La fervoja transporto malpligrandigis la rolon, kiur la riveroj ludis. Poste, en 1931, la fervojo komencis esti iom kaj iom preterlasita pro la ŝoseoj konstruitaj de la Instituto de Kakao de Bahia.

La havenoj de la kakao situaciataj norde kaj sude de Ilhéus, pro serio da faktoroj, ludas flankan rolon. La plej grava, tiu de Ilhéus, troviĝas forlasita. La obstrukco de la navigaciebla kanalo kaj de la havenirejo malhelpas ĝian tutan utiligon, kio devigas la uzadon de la barĝoj, kiuj portas la kakaon el la haveno al la ŝipoj ankritaj malproksime, sur la marmezo.

La haveno de Ilhéus influas sur preskaŭ la tutan zonan kaj eksportas 2/2 el la produktado de la kakao. En la periferio de sia areo de influo la haveno de Ilhéus ekkonkurencas kun tiu de Salvador kaj kun la altiro de la ŝoseo Rio-Bahia, ne nur rilate la kakaon (kun Salvador) sed koncerne aliajn produktojn (Rio-Bahia kaj Salvador).

La aŭtoro finas reliefigante jenajn faktojn: ĝis la nuna momento la produktado de kakao superas ĉiujn aliajn aktivecojn; la plantejoj de kafo, manioko, maizo kaj kaŭĉukarbo ofte dependas de la kakao; la osciloj de la produktado kaj de la demando de la kakao de Bahia okazigas iun seninteresiĝon, kaj kelkaj privataj kaj oficialaj iniciatoj indikas novan direkton al la terkulturo. Fakte la fondo de Multkultura Entrepreno, la pligrandigo de la areo kulturita per kafo kaj kaŭĉukarbo atestas iun tendencon al la terkultura diversigo, sen submetiĝo al la kulturo de la kakao.